

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

Larissa Terra Langer

DESENVOLVIMENTO RURAL E PLURIATIVIDADE: O TURISMO
RURAL EM SANTA MARIA DO HERVAL

Santa Maria, RS

2021

Larissa Terra Langer

**DESENVOLVIMENTO RURAL E PLURIATIVIDADE: O TURISMO RURAL EM
SANTA MARIA DO HERVAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Extensão Rural**.

Orientador: Prof.º Dr. Marco Antônio Verardi Fialho

Santa Maria, RS

2021

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Langer, Larissa Terra
Desenvolvimento rural e pluriatividade: o turismo rural em Santa Maria do Herval / Larissa Terra Langer.- 2021.
84 p.; 30 cm

Orientador: Marco Antônio Verardi Fialho
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós Graduação em Extensão Rural, RS, 2021

1. Turismo Rural 2. Pluriatividade 3. Agricultura Familiar 4. Desenvolvimento Rural 5. Formação Econômica I. Fialho, Marco Antônio Verardi II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, LARISSA TERRA LANGER, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Larissa Terra Langer

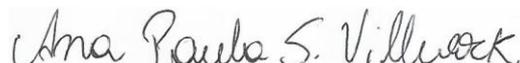
**DESENVOLVIMENTO RURAL E PLURIAATIVIDADE: O TURISMO RURAL EM
SANTA MARIA DO HERVAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Extensão Rural**.

Aprovado em 13 de setembro de 2021:



Marco Antônio Verardi Fialho, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Ana Paula Schervinski Villwock (UFS)



Luciana Oliveira de Fariña (Unioeste)

DEDICATÓRIA

Dedico essa Dissertação aos meus pais, José Odécio Langer e Leda Terra Langer, que sempre me incentivaram a estudar, na busca de um futuro melhor. O dia em que os telefonei com a notícia de que havia sido aprovada no Mestrado foi um dos mais emocionantes das nossas vidas, foi como um sopro de esperança e aconchego em um momento necessário.

AGRADECIMENTO

Agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente me apoiaram durante o período do mestrado. As sábias palavras, a compreensão e o carinho de vocês foram fundamentais para a conclusão dessa etapa. De maneira especial, agradeço:

- à CAPES e à UFSM pela oportunidade de estudar e aprender em uma das melhores universidades do Brasil;
- Ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e a todos os professores que contribuíram para meu ensino e formação;
- Agradeço principalmente aos meus pais, Leda Terra Langer e José Odécio Langer, pelo amor que me é dado, pela educação e pelos melhores conselhos. Agradeço também ao meu irmão, Gabriel Terra Langer, cuja bondade me motiva a buscar ser uma pessoa melhor e mais resiliente.
- Agradeço ao meu companheiro, Guilherme Yago Ribas, pelo amor e carinho, por me puxar para cima nos dias difíceis, pela alegria dos demais dias, e por me fazer almejar um futuro cada vez melhor.
- Agradeço à minha tia, Maria Dolores Langer e ao meu primo, Henrique Augusto Kaefer, pelas boas conversas, conselhos e risos e pela inspiração em pesquisar o desenvolvimento do turismo rural no município em que residem.
- Agradeço às minhas amigadas, em especial àquelas que fiz durante o período no mestrado. Muito obrigada à Bruna Lunkes, à Gisele Simi Turchetti, à Vanessa Picolotto e à Priscila Sousa, pela amizade, pelo carinho e pelo convívio, afinal, não é sobre o que escolhemos fazer, é sobre as pessoas que escolhemos amar.
- Agradeço aos entrevistados e a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta dissertação.
- Agradeço à professora Andréa Cristina Dörr pela amizade, pelos conselhos e pelas oportunidades, em especial pelo espaço concedido para minha docência orientada.
- Agradeço ao meu orientador, Marco Antônio Verardi Fialho, pelos sábios conselhos, por lapidar minhas ideias e pelos desafios que auxiliaram na abrangência do meu conhecimento.

Vai diminuindo a cidade
Vai aumentando a simpatia
Quanto menor a casinha, ai
Mais sincero o bom dia

Mais mole a cama em que durmo
Mais duro o chão que eu piso
Tem água limpa na pia, ai
Tem dente a mais no sorriso

Busquei felicidade
Encontrei foi Maria
Ela, pinga e farinha, ai
E eu sentindo alegria

Café tá quente no fogo
Barriga não tá vazia
Quanto mais simplicidade, ai ai
Melhor o nascer do dia

Quanto mais simplicidade, ai ai
Melhor o nascer do dia
Quanto mais simplicidade, ai ai
Melhor o nascer do dia

(Simplicidade, Fernanda Takai)

RESUMO

DESENVOLVIMENTO RURAL E PLURIATIVIDADE: O TURISMO RURAL EM SANTA MARIA DO HERVAL

AUTORA: Larissa Terra Langer
ORIENTADOR: Marco Antônio Verardi Fialho

A formação econômica do local onde, em 1824 estabeleceu-se a Colônia de São Leopoldo, difere em grande parte do processo histórico-econômico vivenciado pelas outras regiões brasileiras. O desenvolvimento da chamada "Colônia Velha Alemã", desde a chegada dos primeiros imigrantes, passando pelo movimento migratório, até chegar à industrialização difusa na década de 1970, carrega consigo uma característica facilmente encontradas até hoje naquele espaço, a pluriatividade das famílias rurais. Em relação ao município de Santa Maria do Herval- RS, localizado na referida região, objetivou-se compreender e conhecer, a partir das perspectivas de diferentes atores, os fatores que restringem o desenvolvimento do Turismo Rural. Além das famílias pluriativas, é possível observar tradições e aspectos culturais da colonização alemã, tanto nas construções como nos costumes dos habitantes do local. Diversas são as atividades agrícolas e não-agrícolas que podem ser desenvolvidas por famílias no meio rural, desde artesanatos e agroindústrias até atividades e serviços de turismo rural. Apesar dessas alternativas, diversos são os desafios e preocupações, relacionados ao futuro desse ambiente, percebidos pelos representantes de órgãos públicos do município e por agricultores familiares, sendo eles tanto de ordem econômica quanto produtiva. Para o desenvolvimento da presente pesquisa, a opção metodológica foi o estudo de caso, na qual busca foi em desenvolver questionamentos eficazes para a compreensão das raízes comportamentais e interpretativas acerca do desenvolvimento turístico no meio rural do município. Além disso, buscou-se analisar as percepções dos diferentes grupos, de forma a compreender suas semelhanças e diferenças relacionadas às limitações e ao desenvolvimento dessas atividades. Entre os serviços e produtos turísticos mais encontradas no meio rural do município estão o lazer, hospedagem e alimentação, apesar disso e do potencial turístico de Santa Maria do Herval, ainda são poucas as iniciativas desses tipos de atividades no município.

Palavras-chave: Turismo Rural. Pluriatividade. Desenvolvimento Rural. Formação Econômica.

ABSTRACT

RURAL DEVELOPMENT AND PLURIACTIVITY: THE RURAL TOURISM IN SANTA MARIA DO HERVAL

AUTHOR: Larissa Terra Langer
ADVISOR: Marco Antônio Verardi Fialho

The economic formation of the location where, in 1824, São Leopoldo's Colony was established, differs to a large extent from the historical and economic process experienced by other Brazilian regions. The development of the called "Old German Colony", from the arrival of the first immigrants, through the migratory movement, until reaching the diffuse industrialization in the 1970s, carries with it a characteristic that is easily found even today in that space, the pluriactivity of rural families. In the municipality of Santa Maria do Herval-RS, located in that region, the objective was to understand and know from different actors perspectives, factors that restrict the rural tourism development. In addition to pluriactive families, it is possible to observe traditions and cultural aspects of German colonization, both in the buildings and in the customs of the local inhabitants. There are several agricultural and non-agricultural activities that can be developed by families in rural areas, from handicrafts and agribusiness to rural tourism activities and services. Despite this, there are several challenges and concerns related to the future of this environment, perceived by representatives of public agencies of the municipality and by family farmers, both of an economic and productive nature. For the development of this research, the methodological option was the case study, in which the aim was to develop effective questions to understand the behavioral and interpretative roots of tourism development in the municipality rural area. In this research, the aim is to analyze the different groups' perceptions, in order to understand their similarities and differences related to the limitations and development of these activities. Among tourist services and products most found in the municipality's rural area are leisure, hosting and food, despite this and the Santa Maria do Herval tourism potential, there are still slight initiatives for these types of activities in the municipality.

Keywords: Rural Tourism. Pluriactivity. Rural Development. Economic Formation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Indústria calçadista.....	19
Figura 2- Jovem inserida na dinâmica de pluriatividade	20
Figura 3- Lenha de Acácia Negra	29
Figura 4- Festa da Batata e comidas típicas do município.....	32
Figura 5- Pub turístico de Santa Maria do Herval	41
Figura 6- Cascata da Linha Marcondes - Santa Maria do Herval.....	41
Figura 7- Cadeias curtas de produção - Feira do agricultor de Santa Maria do Herval.....	49
Figura 8- Cerveja Artesanal de Santa Maria do Herval	53
Figura 9- Caminhada Rural, Café da Colônia.....	55
Figura 10 - Bangalô em Santa Maria do Herval	57
Figura 11- Vinícola Weinhaus	58
Figura 12 - Torta de maçãs	59
Figura 13- Chocolates Cristiane.....	68

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Mapa do Município de Santa Maria do Herval	18
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- PIB de Santa Maria do Herval, 2010 e 2017	20
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRATURR	Associação Brasileira de Turismo Rural
AGRECO	Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral
CEASA	Centrais Estaduais de Abastecimento
CLT	Consolidação das Leis de Trabalho
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MTur	Ministério do Turismo
PIB	Produto Interno Bruto
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SIDRA	Sistema IBGE de Recuperação Automática
SNCR	Sistema Nacional de Crédito Agrícola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A FORMAÇÃO ECONÔMICA E O DESENVOLVIMENTO DO ESPAÇO RURAL ATRAVÉS DO TURISMO	21
2.1 A formação econômica e a dinâmica agrícola brasileira.....	22
2.2 A formação econômica e a dinâmica agrícola e sociocultural gaúcha.....	25
2.3 Turismo rural: resgate cultural, complemento de renda e sucessão rural	30
3 METODOLOGIA	42
4 O TURISMO RURAL E RELAÇÃO DE SUAS ATIVIDADES COM O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO RURAL DE SANTA MARIA DO HERVAL	47
4.1 Pluriatividade, êxodo rural e novas alternativas.....	50
4.2 Outras faces da pluriatividade: o turismo rural e a cadeia auxiliar de turismo	52
5. PLURIATIVIDADE E DESENVOLVIMENTO RURAL: O FUTURO DO TURISMO RURAL EM SANTA MARIA DO HERVAL	63
5.1 A agricultura familiar e a dinâmica agrícola de Santa Maria do Herval	63
5.2 Atividades em expansão:.....	65
5.3 Pluriatividade, êxodo rural e novas alternativas de complemento de renda	66
5.4 O desenvolvimento rural e as outras faces da pluriatividade: o turismo rural e a cadeia auxiliar de turismo.....	68
5.5 Inovação e desenvolvimento rural: turismo rural e a sucessão familiar	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	83

1 INTRODUÇÃO

Turismo rural e agricultura familiar são temas que tiveram ascensão nos debates no Brasil a partir dos anos 1990, sendo crescente também o espaço destinado às pesquisas e estudos acadêmicos sobre o tema. Diferentes são as formas de reprodução social encontradas pelos agricultores familiares no país, e a busca é por construir estratégias socioeconômicas complementares à agricultura entre as famílias rurais.

No contexto do Rio Grande do Sul, no município de Santa Maria do Herval, grande parte das famílias tem a agricultura como ao menos uma de suas atividades econômicas. A implementação de atividades que gerem diversificação das fontes de renda pode acarretar significativas transformações nas estratégias de reprodução das famílias rurais, tanto pelas mudanças na organização do sistema produtivo das unidades, quanto pelo efeito dessas novas atividades na organização familiar.

Desse modo, o presente estudo é resultado de um processo de reflexão a partir de percepções próprias obtidas em viagens ao município mencionado. Inicialmente, a escolha deste tema para elaboração desta dissertação justifica-se, uma vez que se conecta com minha identidade e ancestralidade, bem como com os modos de vida, as formas de produção e as paisagens deste local. Entretanto, as questões que guiam este estudo foram elaboradas a partir de reflexões e discussões sobre o espaço rural, a cultura e as formas de vida desta população.

Houve a partir da década de 1990 um aumento significativo no número de estudos acadêmicos sobre pluriatividade e agricultura familiar, resultado da ampliação entre as relações rurais e urbanas e da própria preocupação por parte dos agricultores com a qualidade de vida e diversificação das fontes de renda. O poder público também contribuiu nas mudanças ocorridas nesse cenário, principalmente a partir da criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF - em 1996, cuja finalidade é promover o desenvolvimento sustentável aos agricultores familiares, de modo a aumentar a capacidade produtiva, a geração de empregos e a melhoria de renda dessas populações.

Dessa maneira, novas perspectivas estabeleciam-se sobre esses espaços, tendo em vista uma crescente dinamização econômica e social. A partir disso constitui-se a importância da relação entre agricultura familiar e o turismo rural enquanto atividade complementar de

renda, uma vez que no município em questão o fenômeno da pluriatividade é frequente entre as famílias rurais.

Nas últimas décadas é possível dizer que a realidade rural e a agricultura não estão necessariamente atreladas, uma vez que, diversas atividades não tradicionalmente rurais podem ser desempenhadas nesse espaço. As transformações no cotidiano dos rurícolas levaram à diversificação de atividades e ao desempenho de novas funções (LACERDA, 2005).

Diversas são as mudanças que ocorrem no espaço rural, seja em relação às atividades agrícolas, à moradia ou a atividades que não são essencialmente rurais, como o turismo. O turismo rural, objeto deste estudo, é definido como a modalidade de turismo que ocorre neste meio. Conforme a Associação Brasileira de Turismo Rural, Abraturr (2008), o turismo rural em complemento às atividades agropecuárias contribui para agregar valor aos produtos e serviços, além de resgatar e promover a cultura e a natureza, enquanto patrimônios da comunidade. É, portanto, uma atividade não agrícola, caracterizada por ser uma alternativa socioeconômica para complementar a renda dos agricultores (WANDSCHEER E TEIXEIRA, 2010).

Todavia, a nomenclatura "Turismo Rural" ainda é imprecisa no Brasil, sendo variados ou até mesmo dúbios, os conceitos para as modalidades turísticas que ocorrem neste espaço. Entre as mais citadas na literatura pré-existente estão o turismo rural e o agroturismo, melhor explicados na sequência.

No âmbito do agroturismo, a principal característica deste, é a valorização da produção e das atividades agrícolas, além da busca por parte do turista, pelo modo de vida menos agitado que o do cotidiano das cidades, como forma de espairecer e descansar. Ainda no agroturismo, quando há o serviço de hospedagem, esse deve tratar-se de uma atividade de complemento de renda, e não a principal atividade econômica da família. Nessa modalidade, não há necessidade de investimento em infraestrutura específica para receber os turistas, as acomodações utilizadas podem ser as já presentes na propriedade, apenas adaptadas para a prestação do serviço de hospedagem. Agregado a isso, deve haver preservação ambiental, preços acessíveis, propensão para dialogar e trocar experiências com os turistas, estes por sua vez, devem integrar-se aos hábitos locais (LACERDA, 2005).

Contudo, entre os principais problemas para o desenvolvimento do agroturismo, está a mudança do modo de vida familiar. Isso ocorre tanto no âmbito da propriedade, em que há um

aumento da jornada de trabalho, quanto em relação à diminuição na participação em atividades e datas comemorativas da comunidade (LACERDA, 2005).

Outra dificuldade se dá em relação às questões estruturais e econômicas, posto que em boa parte das famílias rurais o recurso para adaptação das acomodações é inexistente ou não prioritário, e o acesso até a propriedade é, por vezes, precário. Além disso, a renda proveniente dessa categoria de turismo tem por característica a sazonalidade. Portanto, muitas vezes a família está inserida em um ambiente de pluriatividade, para que haja complementariedade entre renda agrícola e não agrícola, e o agroturismo como alternativa para a composição da renda total da família.

Já o turismo rural é definido pelo Ministério do Turismo (MTur) como o conjunto de atividades turísticas praticadas no meio rural. Neste, deve haver comprometimento com a produção agropecuária e a valorização desses produtos e serviços (MTur, 2003).

O reconhecimento e valorização dos patrimônios material e imaterial é outro aspecto importante nesta modalidade, tanto nas tradições e hábitos, quanto nas construções e na própria natureza, que devem ser valorizados e preservados. A busca pelo turismo rural se dá mais em relação aos interesses culturais e de apreciação da natureza do que por vivências em atividades agropecuárias. O turismo rural tem como uma das características o serviço de hospedagem, que pode ser de variadas formas, porém engloba também atividades diversas, entre elas:

- a) Visitas: tanto a parentes e amigos quanto a museus, sítios históricos, arquitetura e galerias de arte ou artesanato.
- b) Gastronomia regional: restaurantes, cafés, lojas de produtos agroindustriais e visitas a agroindústrias.
- c) Caminhadas, esportes e passeios em meio à natureza: são uma forma de conhecer e apreciar a fauna e flora.
- d) Datas festivas: eventos culturais, folclore, músicas e tradições locais (ARAÚJO,2010).

Existem também os empreendimentos de turismo localizados no meio rural, mas que não apresentam identidade com este ambiente. Esses não se encaixam na definição de turismo rural dada pelo Ministério do Turismo, uma vez que não se comprometem com atividades e com a produção agropecuária, nesses estabelecimentos o turismo é a fonte exclusiva de renda. Dessa forma, entende-se que Turismo no Espaço Rural é toda modalidade turística praticada fora do meio urbano, podem ser atividades complementares, a exemplo de práticas de turismo

rural juntamente com turismo cultural, ou mesmo com turismo de aventura. Porém, como citado, podem ser também apenas instalações ou atividades estabelecidas no meio rural sem o contato com a cultura e os hábitos locais, tanto por parte dos hóspedes quanto dos prestadores desse tipo de serviço. Nessa categoria encontram-se spas, hotéis fazenda, salões de eventos e Resorts, por exemplo. Geralmente são instalações luxuosas provenientes de capital externo ou de grandes investidores, não de agricultores familiares (MTur, 2003; CAMPANHOLA e SILVA, 2000).

Em síntese, compreende-se que o agroturismo pode ser considerado uma derivação do turismo rural, em que o contato do turista com as atividades agrícolas se sobressai aos aspectos culturais e naturais - interesse daqueles que buscam o turismo rural (TULIK, 1993).

Porém, antes de nos aprofundarmos no debate sobre novas atividades e alternativas de renda no meio rural, devemos voltar algumas décadas de mudanças para compreender o processo histórico de formação da economia agrária. Desde a década de 1960 o agricultor familiar no Rio Grande do Sul, vem passando por transformações na dinâmica das relações econômicas e produtivas. A revolução verde, através da difusão de insumos, máquinas, tecnologias e aumento das exportações de commodities, foi uma das grandes responsáveis por essas alterações agrárias e sociais do campo. Assim, no lugar da agricultura familiar de subsistência, abriu-se espaço para monocultivos em áreas maiores, e entre os principais produtos a soja (produto que vinha sendo incentivado desde o início dos anos 50), trigo, milho, arroz, destinados principalmente para a exportação (SCHNEIDER, 2004).

O uso de tecnologias de agricultura extensiva no Brasil, remonta à década de 1970, período em que o país passou a ter um aumento substancial de sua economia. Porém, o uso das novas tecnologias daquela época levou a uma drástica diminuição das oportunidades e ofertas de trabalho no meio rural, principalmente no que tange à agricultura familiar, o efeito social visto primeiramente foi o êxodo rural.

Na maior parte do Brasil, o agricultor se vê em dois rumos: ou deixa o campo para trabalhar na cidade, ou encontra alternativas para aumentar a renda e conseqüentemente, a qualidade de vida da família. Atualmente, em Santa Maria do Herval- RS esse fenômeno ocorre em menor grau do que no restante do país, uma vez que muitos jovens e mulheres encontram alternativas de trabalho nas indústrias calçadistas estabelecidas no município, e permanecem residindo na propriedade familiar. Nesse contexto, as famílias tornam-se

pluriativas, uma vez que há mutuamente atividades agropecuárias e atividades não-agrícolas na geração da renda das mesmas.

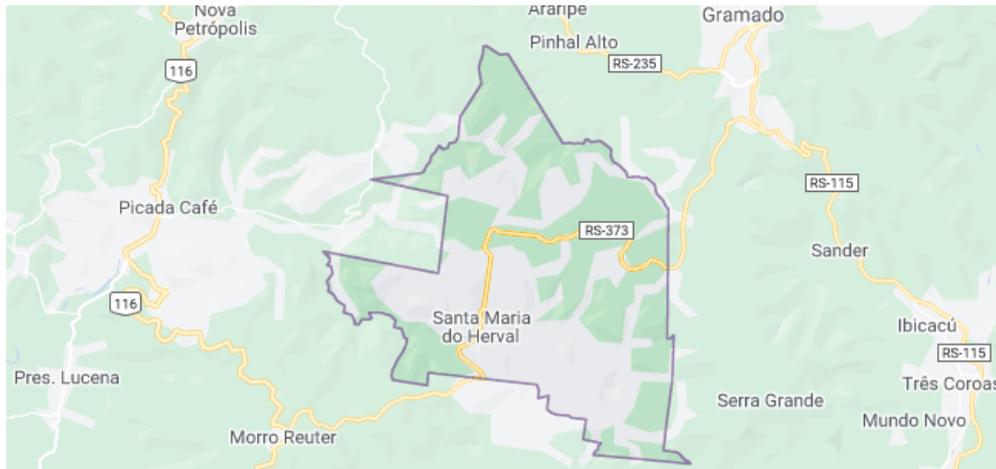
Uma alternativa para o complemento de renda e para a possibilidade de sucessão rural entre os filhos de agricultores familiares deste município é o turismo rural. Entretanto, para que se possa falar de turismo rural em um ambiente no qual essa não consiste em ser uma atividade tradicional, deve-se primeiramente compreender os elementos históricos e culturais da construção dessas sociedades, bem como o processo de formação das percepções sociais e individuais acerca dessa atividade.

Portanto, o ponto de partida para a elaboração desta dissertação foi a revisão histórica e conceitual do turismo rural no Brasil, chegando à região da Serra Gaúcha. Após, foi oportuno revisar a história do processo de colonização dessa região, para que seja possível analisar as diferenças percebidas entre os representantes de órgãos públicos e agricultores acerca do turismo rural como uma forma de desenvolvimento desse espaço.

Assim, em meio à multiplicidade de percepções, o turismo rural caracteriza-se pela valorização e resgate da cultura, da gastronomia local, e da preservação da natureza como elementos da oferta turística, além da realização de atividades agropecuárias, tratados aqui como estímulos importantes no processo de percepção.

Dada a importância das diferentes percepções de uma mesma sociedade em relação ao desenvolvimento rural e à atividade turística nesse espaço, o problema de pesquisa que guia o presente estudo está em:

Santa Maria do Herval está localizada em uma região com forte potencial turístico, faz divisa com cidades como Gramado (um dos principais destinos turísticos do Brasil) e possui o mesmo passado histórico-cultural. Quais os fatores que limitam o desenvolvimento das atividades turísticas no espaço rural de Santa Maria do Herval?



Mapa 1- Mapa do Município de Santa Maria do Herval

Apesar da proximidade com a capital do Estado e com cidades de tradição turística, das paisagens serranas, e do potencial para as mais diversas modalidades turísticas, o turismo rural enquanto atividade socioeconômica e cultural recém encontra-se em seus primeiros passos no município em questão.

Assim, torna-se fundamental a compreensão de como o desenvolvimento de atividades de turismo rural é percebido, entre os agricultores familiares e representantes de órgãos públicos, enquanto alternativa de complemento de renda e desenvolvimento do espaço rural.

De forma a melhor compreender o local escolhido para realização desta pesquisa, adentraremos em aspectos geográficos, e socioeconômicos. O município de Santa Maria do Herval, localizado no Rio Grande do Sul, Brasil, fica a uma distância de 75 km de Porto Alegre, capital do estado. Tem extensão de 139,6 km² e população estimada em 2019 de 6.331 habitantes. Apesar de parte da população residir em áreas consideradas urbanas, um equivalente a 60,57% da população, tem características predominantemente rurais, ou seja, há cerca de 3.950 habitantes neste espaço.

A estrutura fundiária do município é formada por mais de 600 pequenas propriedades, sendo a agricultura familiar representativa no município. Entre as atividades agropecuárias de maior representatividade encontram-se: avicultura, criação de gado de corte e de leite, silvicultura, olericultura e produção batata-inglesa. O município conta com indústrias do setor calçadista e com um frigorífico, conseqüentemente, essas atividades econômicas são as que mais geram empregos e renda à população.

Ainda assim, a agricultura familiar caracteriza a dinâmica da economia rural da região, comportando aproximadamente 95% dos estabelecimentos agropecuários conforme o censo agropecuário de 2017, sendo formada por propriedades rurais de pequeno porte, em média de 8 a 10 hectares.

Devido às adversidades enfrentadas nas atividades agrícolas, a maior parte das famílias rurais está inserida na dinâmica da pluriatividade. Dessa forma, além das atividades agropecuárias realizadas nas propriedades, há uma forte tendência de os jovens e/ou mulheres buscarem oportunidades de trabalho, principalmente no setor secundário, como alternativa de renda.



Figura 1- Indústria calçadista

Em relação à economia, o Produto Interno Bruto (PIB) do município segue em crescimento constante, segundo dados do IBGE/SIDRA em 2010 o PIB era de R\$123.943.000 em 2017 passou a ser de R\$190.770.000. Desse valor, a agropecuária foi responsável por R\$13.553.000 em 2010 e R\$26.915.000 em 2017, representando um aumento de 98,5% entre os sete anos analisados, sua porcentagem em relação ao PIB também subiu, 3,17% a mais se comparado com o ano de 2010. Por parte da indústria, a participação no PIB passou de R\$40.278.000 em 2010 para R\$60.835.000 em 2017, o que corresponde a um acréscimo de 51,03%, porém a porcentagem de participação em relação ao PIB diminuiu 0,61%. Percebe-se que tanto as atividades agropecuárias quanto a industrial aumentaram significativamente o PIB do município nos últimos anos.

Tabela 1- PIB de Santa Maria do Herval, 2010 e 2017

PIB			Agropecuária		Indústria	
Ano	Valor	% em relação ao PIB	Valor	% em relação ao PIB	Valor	% em relação ao PIB
2010	123.943.000	100%	13.553.000	10,93	40.278.000	32,5
2017	190.770.000	100%	26.915.000	14,11	60.835.000	31,89
%	53,91			3,17		0,61

Fonte: tabela com dados da plataforma IBGE/SIDRA, a partir da tabela 5938.

Conforme os dados analisados acima, responsável pela maior parcela do PIB local, o desenvolvimento das indústrias calçadistas estabelecidas em Santa Maria do Herval estruturou-se juntamente com a agricultura familiar, levando parte dos membros das famílias a trabalhar nestas fábricas. Assim, dado que cerca de 60% dos habitantes do município residem em área rural, observa-se que ao mesmo tempo em que há esta opção, tem-se também a alternativa de trabalhar em atividades agropecuárias, seja para comercialização ou para subsistência (SCHNEIDER, 2004).



Figura 2- Jovem inserida na dinâmica de pluriatividade

Portanto, além de conseguir um trabalho mais estável do que na agricultura (sujeita a adversidades climáticas e/ou político-econômicas), os jovens que decidem continuar residindo na propriedade dos pais contribuem para, de certa forma, balancear o processo de êxodo rural

ainda corriqueiro no país, e para garantir a reprodução social das famílias (SCHNEIDER, 2004).

No âmbito da pluriatividade, o turismo rural caracteriza-se como uma importante atividade não agrícola uma vez que contribui para complementar a renda familiar. Uma clara diferenciação pode ser percebida entre a cultura alemã, presente na região de Santa Maria do Herval, e as demais culturas encontradas no espaço rural brasileiro. Ela se dá principalmente em decorrência da percepção de fatores históricos e sociais, dos costumes e tradições. Apesar disso, ainda são escassas as iniciativas de produtos e serviços do turismo rural no município. Portanto, de forma a compreender o problema, busca-se como objetivo geral do estudo:

- Conhecer e compreender, a partir da percepção dos agricultores familiares e representantes de órgãos públicos de Santa Maria do Herval, os fatores que restringem o desenvolvimento de atividades de turismo rural no município.

Entre os objetivos específicos:

- Compreender o processo histórico de formação econômica da região sul do Brasil, com ênfase na agricultura familiar e no turismo rural da região da Serra Gaúcha;

- Conhecer as principais preocupações, por parte dos agricultores, sobre o desenvolvimento do espaço rural de Santa Maria do Herval;

- Analisar, a partir das entrevistas com agricultores familiares e representantes de órgãos públicos, o processo de desenvolvimento do município e sua relação com o turismo rural, identificando possíveis semelhanças e diferenças na perceptiva dos diferentes grupos entrevistados.

2 A FORMAÇÃO ECONÔMICA E O DESENVOLVIMENTO DO ESPAÇO RURAL ATRAVÉS DO TURISMO

Para o desenvolvimento do presente estudo, fez-se necessário realizar uma revisão histórica das mudanças ocorridas no meio rural brasileiro, mais especificamente no Rio Grande do Sul, e as principais afinidades com o município de Santa Maria do Herval. Conforme visto na introdução deste estudo, o município tem na base econômica das famílias a pluriatividade, dessa forma, é comum encontrar algumas pessoas de uma família trabalhando em atividades agrícolas e outras pessoas em atividades não-agrícolas, sejam elas realizadas no meio rural ou na cidade.

2.1 A formação econômica e a dinâmica agrícola brasileira

Para melhor compreender as transformações ocorridas no meio rural brasileiro, devemos levar em conta o passado histórico de escravidão. Naquele período, já era grande a importância do setor cafeeiro na economia nacional, e o crescimento econômico dos grandes senhores está diretamente relacionado com a exploração escravista. A aprovação da Lei Áurea, em 1888, responsável pela abolição da escravidão, levou a um processo de ampla transformação do meio rural e das relações de trabalho neste espaço. Além desse fator, no campo político, no ano seguinte encerra-se a monarquia no país, com a Proclamação da República brasileira.

Compreender os cenários político e econômico se faz de extrema importância para que se possa entender a dinâmica e as transformações ocorridas. Dessa forma, outro fator importante para essa compreensão histórica é a popularmente conhecida “Política do Café com Leite”, que foi a “Política dos Governadores” executada durante a República Velha e caracterizada pela alternância de poderes por mais de 30 anos entre os estados de São Paulo e Minas Gerais. A nova economia cafeeira, que passa a utilizar trabalho assalariado após a abolição da escravatura, "está constituída por uma multiplicidade de unidades produtoras que se ligam intimamente às "correntes" do comércio exterior" (FURTADO, 2005, p.118).

As exportações criam um fluxo de renda interna baseado na aquisição de alimentos, roupas e serviços (FURTADO, 2005). Conforme ocorria o aumento salarial, aumentava também a busca por bens de consumo. Vale lembrar que até o último quartel do século XIX houve a chegada de mais de 450 mil europeus, desses, grande parte se estabeleceu no sul do Brasil (onde houve colonização de imigrantes europeus desde o início daquele século) e em partes dos estados do sudeste brasileiro.

Aos imigrantes que não receberam ou não compraram colônias de terra, restou o trabalho assalariado nas grandes fazendas de café, ou em alguns casos, foram para as cidades, e nelas realizavam os mesmos ofícios aprendidos no país de origem. Atividades de ferreiro, carpinteiro e artesanatos, bem como confecção roupas e calçados estavam entre as mais empregadas após as atividades agrícolas (RÖLKE, 2016).

Além das imigrações, nesse período ocorreu um processo migratório no país e a mão de obra foi realocada em obras infraestruturais, de desflorestamento e em construções, como forma de ocupar e habitar bem como de expandir o total de terras agricultáveis nas regiões centro-oeste e norte do Brasil.

Ademais, os cafeicultores foram duplamente beneficiados com os estímulos da inflação de créditos nesse período, assim além de proporcionar "o crédito necessário para financiar abertura de novas terras [...] elevou os preços do produto em moeda nacional com a depreciação cambial" (FURTADO, 2005, p.139). Dessa forma,

O setor cafeeiro pôde, na verdade, manter seu salário real praticamente estável durante a longa etapa de sua expansão. Bastou que esse salário fosse, em termos absolutos, mais elevado do que aqueles pagos nos demais setores da economia, e que a produção se expandisse, para que a força de trabalho se deslocasse. Portanto, teve importância fundamental, no desenvolvimento do novo sistema econômico baseado no trabalho assalariado, a existência da mão de obra relativamente amorfa que se foram formando no país nos séculos anteriores (FURTADO, 2005, p.119).

Consequentemente, a oferta de café passou a crescer até 1929, dada a disponibilidade de novas terras e de mão de obra, bem como de crédito e da elevação dos preços do produto. Em contrapartida, não houve um crescimento proporcional da demanda pelo grão, logo, as exportações ficam praticamente estabilizadas e apenas 1/3 da produção é exportada entre 1927 e 1929. Não é mérito do presente estudo fazer uma análise econômica aprofundada, portanto nos cabe uma revisão histórica desse período para compreendermos essa dinâmica.

O desequilíbrio estrutural entre a oferta e a demanda pelo grão, em conjunto com o aumento contínuo da capacidade produtiva, levou a estratégia econômica de destruição de toneladas de café, uma vez que a estocagem para a venda no futuro tornara-se insustentável. "Obtinha-se dessa forma o equilíbrio entre oferta e a procura em nível mais elevado de preços" (FURTADO, 2005, p.150).

Nos anos seguintes à depressão econômica, observa-se um crescimento da produção industrial, bem como da produção agrícola para abastecer o mercado interno. Isso transcorreu como efeito dos problemas para as exportações brasileiras, decorrente da crise à nível internacional. As duas décadas entre a crise de 30 e o início dos anos 50 poderiam merecer o título de "substituição de importações", uma vez que a diminuição da capacidade de importar

bens de consumo acarretou no crescimento da produção industrial nacional (TAVARES, 1972). Aparentemente, a autonomia em relação ao capital estrangeiro não se deve à hegemonia do capital industrial nacional, mas à inviabilidade de articular a entrada de novo capital estrangeiro com o processo de acumulação interna, que foi de certa forma, favorecido pela legislação.

Neste período, a evolução do comércio internacional passa por duas etapas, a primeira em relação ao estancamento do poder de compra das exportações, que se dá até o final da Segunda Guerra Mundial, seguido de uma expansão acelerada que ocorre até 1954. Ocorre assim, o desenvolvimento dos setores industriais de bens de consumo e de produção, que acaba por determinar o crescimento do proletariado urbano industrial (FURTADO, 2005). Portanto, há simultaneamente o aumento do êxodo rural e das migrações internas.

O custo da mão de obra é influenciado pelo preço dos bens agrícolas de consumo, que tende a elevar-se por força da industrialização que chega ao meio rural e a intensa urbanização destes locais. Essas condições de oferta de bens de consumo agrícolas oportunizam o surgimento dos oligopsônios resultando no aumento de preços desses produtos, levando à uma queda do poder de compra dos salários, mas não necessariamente prejudicando a acumulação (FURTADO, 2005).

Outro fato importante nas transformações socioeconômicas é a Consolidação das Leis de Trabalho em 1943, sancionada pelo presidente Getúlio Vargas, a qual instaura o salário-mínimo urbano legal.

Já a partir da segunda metade dos anos 50, o então Presidente Juscelino Kubitschek implementa o “Plano de Metas”, um programa que visava modernizar e melhorar a infraestrutura e a industrialização nacionais. Apesar de o termo "substituição das importações" referir-se a esse período histórico, o que ocorre no Brasil de 1956 até 1961 é a instalação de filiais de empresas estrangeiras. Nesse processo, a capacidade produtiva foi instalada além da demanda pré-existente, e posteriormente forçou-se a diversificação do consumo interno (FURTADO, 2005).

2.2 A formação econômica e a dinâmica agrícola e sociocultural gaúcha

Iniciamos agora o estudo do recorte geográfico que interessa à presente dissertação para a melhor compreensão das transformações econômicas e sociais ocorridas ao longo da história. Assim, mais tardiamente do que na região sudeste, a industrialização difusa ocorre a partir de 1970 na região sul, mais especificamente na região metropolitana da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, e posteriormente na Encosta da Serra Gaúcha.

Nessas regiões, a industrialização difusa ocorreu principalmente no setor coureiro-calçadista, que como veremos adiante, iniciou-se em um processo artesanal dos colonos alemães, e sua consolidação deve-se essencialmente por dois fatores: o aumento da produtividade, ocasionado em boa parte pelo comércio internacional desse produto e pelo acesso às tecnologias para o fabrico. Nesse período houve uma menor demanda interna por essas mercadorias, uma vez que com a queda no valor dos salários pagos aos trabalhadores, os bens de consumo supérfluos não eram prioridade (SCHNEIDER, 2004).

Havia nessa época, conforme citado anteriormente, apoio estatal para a internacionalização do comércio, assim, diversos setores industriais beneficiaram-se da inserção no mercado externo. Apesar da crise interna e do endividamento, os programas de estímulos fiscais e de créditos, bem como o fomento à exportação de bens de consumo duráveis, contribuiu para que as indústrias seguissem em expansão, logo, a oferta de empregos era mantida, talvez não em condições salariais ideais, já que o discurso empregado era o da “Teoria do Bolo” em que primeiro a economia deveria crescer, para então distribuir a renda.

Apesar do alto índice de crescimento registrado no início da ditadura militar, foi uma fase breve da economia brasileira, pois os empréstimos feitos junto ao FMI deveriam ser pagos à altas taxas de juros. Concomitantemente, a economia nacional passava pelo aumento das taxas inflacionárias, que diminuíram o poder de compra da população assalariada (FURTADO, 2005).

Assim, em decorrência do aumento das exportações, a industrialização difusa do setor coureiro-calçadista estabeleceu seu nicho de mercado no comércio internacional, "além de ter uma estrutura de produção pulverizada de unidades de pequeno porte fortemente ligadas ao

ambiente social e econômico local" (SCHNEIDER, 2004, p.64). O crescimento deste setor industrial contribuiu para a geração de emprego nas indústrias, ao mesmo tempo em que ocorreu "o ápice das migrações populacionais inter-regionais rural-urbanas, resultantes do processo de modernização da agricultura gaúcha" (SCHNEIDER, 2004, p. 73).

Para melhor explicarmos a importância das migrações ocorridas nesse período, devemos retornar a alguns fatos importantes do passado sociocultural dessas populações, de modo a compreendermos suas origens e as transformações socioeconômicas. Voltamos, portanto ao início da década de 1820, época em que o governo já reconhecia a necessidade da criação de novas formas de estruturas agrárias, assim, em contraste com os latifúndios do sudeste, no sul, com exceção da região da Campanha Gaúcha, o que se encontrava eram as pequenas colônias de terras. Isso porque houve, por parte da República "a percepção da necessidade da criação de uma classe média, formada por pequenos agricultores e artesãos" (RÖLKE,2016,p.143). Conseqüentemente, em 1824 os imigrantes alemães chegaram à Colônia de São Leopoldo e "cada família recebeu, gratuitamente, um lote de 160.000 braças quadradas (CUNHA, 2017, p.40)". Importante lembrar que a área correspondente ao município de Santa Maria do Herval, pertencia nessa época à Colônia de São Leopoldo.

Em 1835 o primeiro morador chegou ao local denominado Morro dos Bugres Baixo, hoje comunidade do município de Santa Maria do Herval. Até aproximadamente o ano de 1838, estabeleceram-se nessa localidade a primeira leva de moradores, os quais eram descendentes de alemães oriundos das colônias velhas e da região de *Hunsrück*, sudoeste da Alemanha. As primeiras atividades agrícolas estabelecidas na localidade foram plantações de trigo, milho, cevada, centeio, feijão e fumo (TREIN, 2011).

Nos primeiros anos da independência do Brasil, com o estabelecimento de colônias de imigrantes, os pequenos proprietários, que utilizavam sua própria força de trabalho, contribuíram para diminuir "os efeitos da crise de mão de obra na produção de alimentos" (CUNHA, 2017, p.38), além disso, a produção de alimentos era destinada a suprir o mercado interno, apesar de que por vezes as exportações de erva-mate e de charque foram complementadas pelos colonos (RÖLKE, 2016).

O modo de vida dos imigrantes alemães não teve grandes alterações por mais de um século desde sua chegada. Apenas a partir da metade do século XX começaram as mudanças

nesse sistema. Devido à parte do território pertencente à Colônia de São Leopoldo ainda estar em meio à mata fechada nesse período, e a muitos colonos terem se estabelecido em localidades e picadas distantes dos povoados, como foi o caso de Santa Maria do Herval, os colonos tinham necessidade de exercer outras atividades que não apenas a agricultura e a criação de animais. Assim, esses colonos desempenhavam atividades aprendidas e profissões que tinham na Alemanha. Essas atividades artesanais serviam para auxiliar no trabalho ou para vestir-se, usar utensílios, etc. "Quanto maior o isolamento dos colonos, mais diversificado era seu artesanato" (SCHNEIDER, 2004, p.34). Com a especialização das produções agrícolas, o excedente era vendido nas casas de comércio dos povoados:

Os imigrantes do *Hunsrück* eram agricultores e artesãos. Em consequência da partilha das já pequenas propriedades pelas heranças, suas propriedades foram diminuindo cada vez mais. Assim, tornava-se difícil alimentar a família apenas com a agricultura. A isto se somava a baixa produtividade do solo. Sobrava apenas a emigração, pois, com algumas exceções, a situação era a mesma de toda a Alemanha (RÖLKE, 2016, p.213).

Sobre isso, Schneider diz que "o imigrante europeu tinha raízes menos sólidas na agricultura do que em outros ramos artesanais" (SCHNEIDER, 2004, p.33). Isso pode ser explicado pelo rápido esgotamento do solo e baixa produtividade agrícola de grande parte das famílias.

É a partir de 1930 que os colonos alemães passam a migrar principalmente para a região Noroeste do Rio Grande do Sul, com o objetivo de expandir a fronteira agrícola e a colonização de novas áreas de terra. Apesar da migração, as atividades produtivas nas Colônias Novas permaneciam sendo basicamente as mesmas exercidas nas Colônias Velhas. Uma mudança significativa entre essas regiões começa na década de 1970, decorrente principalmente das tecnologias agrícolas, como máquinas e insumos industriais. Nos locais em que o relevo propiciava, houve a expansão do monocultivo de soja (SCHNEIDER, 2004).

Ao mesmo tempo, houve o aumento da demanda externa por essa commodity e a criação do Sistema Nacional de Crédito Agrícola (SNCR). Porém, nesse processo de modernização, grande parte dos colonos não teve condições financeiras, nem terras suficientes, e para "incorporar o progresso técnico e adequar-se às economias de escala na

produção de soja, viu-se forçada [a população mencionada] a abandonar suas atividades rurais e buscar alternativas para a sua reprodução" (SCHNEIDER, 2004, p.87).

Em meados do século XX, os descendentes europeus (principalmente alemães, italianos e eslavos) já buscavam novas terras no oeste de Santa Catarina e do Paraná. Com a expansão da soja, os pequenos agricultores do noroeste do Rio Grande do Sul, passaram por um intenso processo de migração para fora do estado, ou então por um processo de retorno para os municípios e localidades originários das Colônias Velhas.

É para este segundo espaço que voltamos nossa atenção no presente estudo. Schneider (2004, p.87), observa que "na região da Colônia Velha Alemã, o modo de vida e o sistema produtivo agrícola foram desarticuladas através da absorção crescente da força de trabalho rural pela industrialização difusa do setor coureiro-calçadista".

Assim, enquanto ocorria a expansão de terras nas Colônias Novas e, mais adiante o monocultivo de soja, as regiões do Vale dos Sinos e Encosta da Serra passaram por algumas transformações agrícolas. Como citado anteriormente, vendia-se o excedente de batata, feijão, mandioca e milho. Após, a criação de suínos ganhou espaço no mercado, já que se podia vender a carne e a banha do animal. Devemos recordar também que nos locais em que ainda não havia energia elétrica a banha de porco era utilizada para a conservação da carne. Porém, com a expansão da sojicultura, houve também a industrialização que gerava produtos como óleo de soja, com isso a banha passou a ser menos consumida.

Essa região passou também por uma fase de aumento da produção de leite, que teve grande demanda ao passo em que as cidades da região metropolitana recebiam mais habitantes. Porém, por ser considerada uma atividade complementar não valeria o investimento em ordenhadeiras e resfriadores, que eram exigências das indústrias. Mais tarde ocorre o processo de articulação da cadeia produtiva do leite no Noroeste do estado, e a região da Serra Gaúcha deixa de produzir quase que totalmente esse produto (SCHNEIDER, 2004).

Inicia-se então, o fomento a uma alternativa de reprodução econômica, a acacicultura. Essa cultura foi incentivada justamente no mesmo período em que houve o aumento das exportações de calçados, isso porque o tanino, substância extraída da casca da Acácia Negra tem como uma de suas funções a secagem do couro nas indústrias calçadistas.

O tempo médio de cerca de sete anos, necessário para a colheita da Acácia Negra, faz com que parte considerável da força de trabalho da família rural torne-se excedente nas propriedades, ficando disponível para atuar em outras atividades, e inclusive como assalariados em empregos urbanos-industriais (SCHNEIDER, 2004, p.101).

Ainda sobre a acacicultura, é importante saber que além de ser uma atividade de complemento de renda, no primeiro ano podem ser plantados alguns alimentos entre as mudas de Acácia, e após a colheita, a terra fica fértil e recuperada para receber novas culturas. Além disso, o colono pode esperar mais do que sete anos para colher, se o preço pago no momento não lhe agrada (SCHNEIDER, 2004).



Figura 3- Lenha de Acácia Negra

Com a implementação desse cultivo como principal atividade produtiva para algumas famílias, e dado que as propriedades nessas regiões têm em média 15 hectares, sobrava tempo para que parte da família desempenhasse outras atividades econômicas. A interiorização das indústrias calçadistas contribuiu para que os filhos dos colonos não precisassem migrar para as grandes cidades da região em busca de emprego. Percebeu-se que

As facilidades de transporte, a proximidade da moradia dos colonos com as empresas calçadistas e a existência de um amplo mercado de trabalho permitiram a combinação dos trabalhos agrícolas com o exercício de empregos não-agrícolas por parte de alguns membros das famílias dos pequenos agricultores. O assalariamento constituiu-se, neste caso, numa

alternativa estratégica às dificuldades enfrentadas pelos colonos (SCHNEIDER, 2004, p.112).

Essa ampliação das atividades familiares se caracteriza por pluriatividade, uma vez que além das atividades agrícolas, parte da família trabalha fora da propriedade. Essa transformação do meio rural fez surgir os colonos-operários, que na maior parte “são jovens, sobretudo mulheres, filhos e filhas de colonos que se assalariam nas fábricas de calçados. Mantêm suas residências no meio rural e deslocam-se diariamente aos empregos nas cidades, no movimento pendular de ida e volta” (SCHNEIDER, 2004, p. 121).

A interiorização da industrialização e a pluriatividade dos colonos fez com que essas regiões se desenvolvessem, e muitas das localidades se emancipassem, principalmente no início da década de 90. Além disso, essa formação de um mercado local de trabalho levou à transformação do espaço rural, que agora possui algumas características urbanas, recebendo a nomenclatura de periurbano. A área periurbana é caracterizada:

como um espaço de transição, muitas vezes extenso, [...] nele coexistem aspectos rurais e urbanos que se traduzem na plurifuncionalidade do uso do solo, na pluriatividade das suas populações e na complexidade da estrutura social e das práticas culturais (SCHNEIDER, 2004, p.170).

A pluriatividade que ocorre nesses espaços constitui-se como uma alternativa para evitar o êxodo rural, além de alocar o trabalho em diversas atividades, que não apenas a agricultura familiar, mas também as indústrias e agroindústrias, o comércio, artesanatos e o turismo rural.

Na última parte deste capítulo, faremos uma análise de como o turismo rural constitui-se em uma das atividades que podem ser desenvolvidas pelas famílias na busca pelo complemento de renda e valorização do espaço e do modo de vida rural.

2.3 Turismo rural: resgate cultural, complemento de renda e sucessão rural

Os serviços, atividades e produtos do turismo rural envolvem “caminhadas, visita a parentes e amigos, visitas a museus, galerias e sítios históricos, festivais, rodeios e shows

regionais, esportes na natureza, visitas a paisagens cênicas, gastronomia regional, artesanato e produtos, camping, hotéis-fazenda, albergues, SPAs, etc” (ARAÚJO, 2010, p.29).

Levando-se em conta essa recente forma de organização econômica, “que presta serviços e/ou atividades de acolhimento, transporte, hospedagem, alimentação, lazer, recreação e entretenimento” (SCHNEIDER, 2006, p.2) é o que se pode explicar de maneira mais clara as atividades do turismo rural.

Essa modalidade turística surge como alternativa complementar de renda ao agricultor familiar, e quando há o envolvimento da comunidade regional, as iniciativas mostram-se mais bem sucedidas. Isso deve ocorrer “desde seu planejamento até sua implantação e posterior exploração. Iniciativas isoladas ou individuais dependem demasiadamente de características locais específicas” (RIEDL, 2000, p.11).

Portanto, constata-se uma clara relação entre os aspectos culturais e a busca por esse tipo de turismo. Logo, o turismo rural:

Não se trata de uma transformação, mas da valorização da realidade rural, bem como de suas atividades, envolvendo elementos distintos, sobretudo no que tange aos potenciais naturais e a valorização dos modos de vida, potencialidades distribuídas pelos próprios turistas que visitam esses locais buscando, entre outras coisas, fugir do estresse e da velocidade do cotidiano no espaço urbano, principalmente em se tratando de grandes centros (WANDSCHEER e TEIXEIRA, 2010, p.53).

Assim, observamos uma clara relação entre as tradições e costumes com a atividade turística familiar. A atividade turística familiar é aquela exercida por agricultores familiares em sua unidade produtiva, em que estejam “dispostos a valorizar, respeitar e compartilhar seu modo de vida, o patrimônio cultural e natural, ofertando produtos e serviços de qualidade e proporcionando o bem-estar dos envolvidos” (TULIK, 2006, p.19).

Essa responsabilidade em preservar o patrimônio cultural pode ser observada no exemplo do programa "Roteiros Nacionais da Imigração" de Santa Catarina, em que o foco dessas atividades se encontra nas “pequenas propriedades rurais espalhadas pelas estradas que formavam as antigas colônias de imigração. Nessas localidades foram fornecidos subsídios que permitiram aos pequenos agricultores não descaracterizarem o seu modo de produção” (SANTOS E PIRES, 2010, p.67).

Em relação à Santa Maria do Herval, no que se refere à etnicidade teuto-brasileira, outros parâmetros de diferenciação são associados ao modo de vida diverso, não faltando referência aos hábitos alimentares, estilos de moradia, costumes e heranças no meio rural, tipos de lazer e à divisão do trabalho. Há ainda a percepção social que pode incluir tanto a fala da língua alemã, quanto o plantio e consumo de alimentos específicos, a participação em associações, a posse de uma casa bem cuidada e com cortina nas janelas, jardins cheios de flores e horta variada, fazendo jus ao ideário de morar bem (AMARAL, 1950). Portanto, percebe-se que “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (GEERTZ, 1989, p.10).



Figura 4- Festa da Batata e comidas típicas do município

A tradição pode ser percebida pela “soma de todas as ideias, hábitos e costumes que pertencem a um povo e são transmitidos de geração a geração” (GINSBERG, 1964, p.114). Dada a importância da cultura e das tradições para o turismo rural, “a geração de empregos pode não ser [...] o objetivo de todo desenvolvimento turístico, mas seguramente, é um dos principais resultados” (ARAÚJO, 2010, p.26), contribuindo para evitar ou ao menos reduzir o êxodo rural, principalmente entre jovens.

Retomamos agora alguns pontos vistos na introdução deste estudo, como forma de facilitar a compreensão acerca das atividades de turismo rural. Devemos ter em mente que o Turismo no Espaço Rural engloba todas as modalidades e estabelecimentos de turismo encontrados fora do meio urbano, tendo elas ou não alguma relação com a realidade e com os modos de vida da população rural, incluindo resorts e SPAS bem como outras estruturas turísticas por vezes “luxuosas” nesses espaços.

Consequentemente, o Turismo Rural é uma das modalidades compreendidas pelo Turismo no Espaço Rural. Neste, a principal diferença é que há a valorização cultural e natural do ambiente em que se encontra. Lembramos ainda que o turismo rural pode abranger serviços de hospedagem, de gastronomia, de visitas, de esportes e até mesmo de festas e comemorações. Essa modalidade diferencia-se do Agroturismo principalmente em relação à valorização da produção e das atividades agrícolas. Portanto, a principal diferença é que, neste último, deve haver comprometimento do turista com a vivência no ambiente rural e com a participação, ajudando nas atividades agropecuárias. Enquanto no turismo rural os turistas buscam mais experienciar a cultura - através da gastronomia, patrimônios, festas típicas - e aproveitar as belas paisagens e a tranquilidade desse ambiente (PAIXÃO; PAIXÃO, 2010).

Compreendidas as definições, utilizaremos o termo "turismo rural" no decorrer do estudo, uma vez que este pode englobar atividades de agroturismo, e simultaneamente, valorizar aspectos e patrimônios culturais além de prezar pela preservação do meio ambiente e estética do local.

As primeiras iniciativas de turismo rural no Brasil surgem “como uma alternativa econômica considerada capaz de minimizar a decadência do meio rural e manter a atividade agrícola nas propriedades” (PIRES; SANTOS, 2010, p.60). O município de Lages, na Serra de Santa Catarina, foi o pioneiro nessa atividade, sendo ofertada pela primeira vez no ano de 1984, quando alguns agricultores, que passaram por dificuldades econômicas decidiram fazer um "dia de campo" com os visitantes. Nessa ocasião, foi criado o Programa Institucional de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Rural, que buscava o desenvolvimento turístico daquele local. O fomento a essa modalidade turística deu-se principalmente pela via governamental com as políticas públicas do município e do estado em questão.

Assim, em 1998, a Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO) coordenou a criação da associação Acolhida na Colônia, em Santa Catarina, que visa não apenas a geração de renda e o fortalecimento da agricultura familiar, mas também a sustentabilidade, a inclusão social e a diminuição das assimetrias socioeconômicas. Nessa associação, todas as decisões, preços praticados e estratégias são tomadas coletivamente, envolvendo cerca de 200 famílias de agricultores, a equipe técnica e as entidades apoiadoras e integradas, como a rede francesa Accueil Paysan. Assim, a proposta

é de através do agroturismo, valorizar o modo de vida no campo (ACOLHIDA NA COLÔNIA, 2020; SANTOS; PIRES, 2010).

O estado de Santa Catarina é o precursor da Acolhida na Colônia, e o estado em que há o maior número de municípios e de agricultores participantes. Atualmente os estados de São Paulo e Rio de Janeiro também contam com destinos e experiências dessa Associação. Só em Santa Catarina, são cerca de 200 famílias divididas em 27 municípios essencialmente rurais, em que há o predomínio de unidades familiares de produção (ACOLHIDA NA COLÔNIA, 2020).

A Acolhida na Colônia pode ser encontrada nos seguintes territórios de Santa Catarina: Encantos do Quiriri, Encostas da Serra Geral, Grande Florianópolis, Regional de Ibirama, Regional de Ituporanga, Regional de Vale dos Imigrantes, Serra Catarinense e Serra do Rio do Rastro. As atividades nestas propriedades variam entre serviços de hospedagem, gastronomia, agroindústrias, vinícolas, engenhos, pesque e pague, sítios agroecológicos e produção orgânica (ACOLHIDA NA COLÔNIA, 2020).

Entre os princípios e objetivos da Acolhida na Colônia estão: contribuir com a melhoria da qualidade de vida dos agricultores familiares, valorização das atividades e manejos agrícolas, promover a integração entre o campo e a cidade, bem como a troca de experiências e resgatar a identidade cultural dos habitantes destes locais. Além disso, os serviços oferecidos pelo turismo rural devem servir como complemento de renda, uma vez que o turismo caracteriza-se como uma atividade não agrícola. No âmbito de uma propriedade pluriativa, essa atividade deve contribuir para a inclusão socioeconômica das mulheres e dos jovens rurais como forma de garantir renda e permitindo a sucessão rural e uma vida digna a essa população.

Em relação à inclusão das mulheres nessas atividades, veremos a seguir o exemplo dado por Lunardi (2007), que pesquisou mulheres envolvidas nas atividades de turismo rural na região dos Campos de Cima da Serra, no Rio Grande do Sul. Lunardi (2007, p.253) observa que "essas mulheres consideram o turismo rural uma nova opção de renda atrelada a uma melhor qualidade de vida para a família, resultando em uma socialização e uma possibilidade de enriquecimento cultural".

A região dos Campos de Cima da Serra fica a cerca de 190 km de Porto Alegre (capital do Estado) e a cerca de 120 km de Caxias do Sul, segunda maior cidade gaúcha. Essa região vem sendo amplamente procurada por turistas, e tem como característica a busca gastronômica e de aconchego no inverno, além dos típicos passeios a cavalo em todo o ano, e nos meses menos frios e no verão, o turismo de aventura, atrelado principalmente ao relevo típico deste local: os cânions. Devido às paisagens peculiares da região,

O turismo rural se consolidou como atividade econômica/produzida principal, [...] possibilitou que os valores arrecadados na atividade fossem revertidos como ajuda na atividade agrícola, promovendo a continuidade dessa produção. Destarte, os recursos oriundos do turismo contribuem na educação dos filhos na manutenção da propriedade (LUNARDI, 2010, P.254).

Além dessas características, o turismo enquanto atividade principal nas propriedades em que foi implementado possibilita a independência financeira, o empoderamento e a valorização de mulheres e jovens.

Outra característica do turismo rural nessa região é o "efeito multiplicador" da renda. Essa diversificação econômica ocasionada pelas atividades de turismo levou algumas propriedades a gerar empregos fixos e/ou sazonais para outros habitantes da região, contribuindo assim para a diminuição das desigualdades. Além da economia, o turismo fortaleceu as relações sociais e familiares, sendo observadas trocas de mão de obra e de produtos entre vizinhos e família (SANTOS; SOUZA, 2010).

Isto posto, fica claro que, no caso em questão, foram atendidas as necessidades e "a preocupação com a inclusão da comunidade local no desenvolvimento do turismo, bem como as relações de hospitalidade [...] contempladas quando do planejamento da atividade no meio rural" (FONTANA, 2010, p.260). O turismo rural pode ser uma oportunidade de agregar valor aos produtos e serviços agrícolas, possibilitando a geração de empregos e aumento da renda nesses locais.

Atividades de turismo rural são desenvolvidas em todas as regiões do Brasil. No Sudeste são mais ligadas às grandes fazendas dos Barões do Café e ao agronegócio, o segundo também ocorre no centro-oeste, bem como o turismo de natureza. No Norte, busca-se

o turismo de natureza e o turismo rural está ligado à agricultura familiar, o Nordeste segue a mesma linha.

A região Sul do país é uma das que mais possui agricultores atuando em atividades de turismo rural, por esta razão nos ateremos às iniciativas desenvolvidas nessa região. Algumas diferenciações são feitas quanto ao seu desenvolvimento. No Paraná, por exemplo, as atividades turísticas são ligadas à agricultura familiar, em Santa Catarina essa prática ocorre tanto atrelada à agricultura familiar quanto ao Turismo Rural de Origem Agrícola e ao Turismo Rural de Colonização Europeia. Por fim, no Rio Grande do Sul há uma clara diferenciação: na metade sul do estado o atrativo são as estâncias e a paisagem do Pampa, destacando-se nas atividades turísticas a rota dos tropeiros, presente também na região serrana do Paraná. Já na macrorregião da Serra Gaúcha, o Turismo Rural de Colonização Europeia é o mais difundido, principalmente em cidades de colonização alemã e italiana (OLIVEIRA;ELESBÃO; SOUZA, 2010).

Em relação ao turismo de colonização europeia, no município gaúcho de Bento Gonçalves, a colonização italiana deixou suas marcas tanto no patrimônio material - construções, artes, instrumentos de trabalho - quanto nos imateriais, abrangendo os hábitos, a cultura, a gastronomia, as festas, os ritos e a religiosidade, por exemplo.

A história da colonização italiana é muito presente no turismo desse município, tendo sido escolhido o roteiro Caminhos de Pedra para contar essa história. "Trata-se de um roteiro de 15 km de estrada, que acompanha um vale, cujo rio constitui o eixo principal de povoamento. Inclui pontos de visitação com exemplares da arquitetura colonial italiana" (OLIVEIRA; ELESBÃO; SOUZA, 2010, p.28).

Os motivos da escolha desse caminho para formar um roteiro turístico estão principalmente nos aspectos físicos, tanto de natureza, abundância de água, além do patrimônio histórico e material e da proximidade com a área urbana (SOUZA; KLEIN; RODRIGUES, 2010).

Entre os principais objetivos do roteiro Caminhos de Pedra está o resgate e a preservação da cultura italiana, presente no local que foi denominado de colônia Dona Isabel, a partir de 1875. Outro objetivo diretamente relacionado é a diversificação e aumento da

renda dos agricultores familiares, bem como da possibilidade de sucessão rural pelos filhos dos agricultores.

O estudo de Souza, Elesbão e Schaidhauer (2011, p.222) demonstram que, "a ideia do turismo inicialmente foi recebida com descrédito, mas após meses de trabalho e persuasão dos empreendedores a proposta começou a ganhar adeptos. [...] Após o estranhamento inicial, as famílias foram, pouco a pouco, ingressando na atividade".

O roteiro Caminhos de Pedra tem cerca de 70 associados e recebe anualmente em torno de cem mil turistas de todo o Brasil e de alguns outros países. A associação busca sempre o aperfeiçoamento dos agricultores que integram o roteiro, oferecendo cursos sobre hospedagem, gastronomia, empreendedorismo e gestão. Outro aspecto importante mencionado anteriormente é a sucessão rural. Os filhos dos agricultores buscam a educação, e os cursos de línguas estrangeiras para que possam dar continuidade nos empreendimentos rurais, bem como melhor receber e acolher os visitantes (SOUZA; ELESBÃO; SCHAIDHAUER, 2011).

Assim como nos casos da Acolhida na Colônia e do roteiro turístico dos Campos de Cima da Serra, o turismo rural trouxe benefícios para os agricultores familiares, a valorização dos produtos e serviços, a ampliação de renda e de seus efeitos multiplicadores para a sociedade, a preservação ambiental e a melhoria infraestrutural são alguns exemplos. Conseqüentemente, essas atividades contribuíram para "o aumento da autoestima dessas famílias, justamente por estas obterem através do turismo, uma maior inserção social, intercâmbio cultural e valorização das atividades e do saber rural" (SOUZA; ELESBÃO; SCHAIDHAUER, 2011, p.221).

O incentivo ao arranjo entre atividades agrícolas e não agrícolas no meio rural, a exemplo do turismo, "se sustenta na sua capacidade de geração de renda, ampliação das oportunidades de trabalho, diminuição do êxodo rural e das vulnerabilidades produtivas e de preservação natural, resultando na reprodução socioeconômica familiar" (LUNARDI, 2010, p.256).

Por outro lado, os aspectos negativos estão presentes também neste roteiro, sendo um dos principais, a diminuição das interações sociais com a comunidade local, tanto em relação

às missas às festividades, bem como em visitas entre vizinhos, uma vez que a atividade turística requer mão de obra e tempo, normalmente ocorrendo nos dias de descanso dos turistas. Essa questão foi observada também nas outras iniciativas de turismo rural apresentadas neste estudo. Apesar disso, os agricultores que decidiram ingressar em atividades de turismo rural percebem que há uma maior integração entre as famílias de agricultores que exercem algum tipo de atividade turística, de modo que ocorrem trocas de serviços, de favores ou mesmo de produtos. Outro aspecto importante é o aumento da autoestima e do conhecimento desses agricultores, que passam a ter contato com pessoas de variados lugares (SOUZA; ELESBÃO; SCHAIDHAUER, 2011).

Em relação às atividades de turismo rural em Bento Gonçalves, observa-se o resgate e valorização cultural através da gastronomia, não faltando restaurantes típicos, cafés e alimentos elaborados de forma artesanal, tais como geleias, doces, cucas, refrigerantes, derivados de leite de ovelha, massas e queijos. As vinícolas presentes no roteiro estão entre as mais famosas do país e também formam um importante aspecto cultural dos imigrantes italianos, que trouxeram para a região os conhecimentos e técnicas utilizadas na Itália para o cultivo das uvas e elaboração dos vinhos, passando-os de geração em geração. Além dos produtos gastronômicos, vale mencionar que o roteiro Caminho das Pedras também conta com pousadas, artesanatos, estofados, roupas de lã e parques.

As transformações do espaço rural possibilitaram o surgimento de atividades não agrícolas, como alternativa de renda para as famílias residentes nesse espaço. As rendas oriundas das associadas às agrícolas, impunham um caráter pluriativo a essas famílias, na qual em um mesmo grupo familiar havia pessoas dedicadas exclusivamente às atividades agrícolas e outras às atividades não agrícolas (por exemplo, empregados do comércio, educação entre outras atividades identificadas com o urbano). Esse fenômeno é observado em Santa Maria do Herval, onde além das atividades agrícolas, parte das famílias trabalha nas indústrias calçadistas, ou mesmo em outros empregos nas áreas urbanas do município, retornando a casa, na zona rural no final do expediente. "A realidade rural [...] demonstra que o rural e a agricultura não são mais sinônimos, mas elementos distintos [...] nas quais as transformações e a diversificação nas atividades envolvem novas funções" (WANDSCHEER; TEIXEIRA, 2010, p.49).

Em outras regiões, como no caso dos municípios participantes da associação Acolhida na Colônia de Santa Catarina, a pluriatividade surgiu em decorrência das necessidades econômicas e de permanência no meio rural. Assim, surgiram atividades de agroindústrias, artesanatos e turismo rural, como forma de complemento de renda e reprodução social. Em Bento Gonçalves e nos Campos de Cima da Serra, a oferta turística também teve início a partir das necessidades de diversificação de renda, atrelados ao resgate e à valorização dessas culturas e da apreciação às belas paisagens.

Inicialmente essas atividades geraram resistência da maior parte dos agricultores. No Acolhida na Colônia "foram necessários encontros para a sensibilização da população e das lideranças locais, pois para eles era difícil acreditar que esses pequenos municípios pudessem atrair turistas" (SILVA; JÚNIOR, 2010 p.114).

A mesma resistência foi encontrada em Bento Gonçalves e nos Campos de Cima da Serra, isso ocorre em boa parte por essa não ser uma atividade tradicionalmente rural, gerando insegurança tanto em relação à como desempenhar essa atividade, quanto ao retorno econômico. Porém, foi observado por Silva e Júnior (2010), que

Ainda que haja um consenso geral sobre a necessidade ou aceitação do turismo no espaço rural, aqueles que descobrem que os benefícios não virão apenas para um determinado grupo ou que esse tipo de turismo não proporcionará lucros imediatos ressentem-se e passam a ver a proposta sobre um novo olhar e sobre uma nova configuração (SILVA; JÚNIOR, 2010, p. 110).

Ressaltamos ainda, que as atividades não agrícolas desempenhadas no meio rural contribuem para a sucessão das propriedades, que em algum grau continuarão a exercer também as atividades agrícolas e pecuárias. Há uma complementaridade entre elas, em que as famílias buscam organizar as atividades agrícolas e não agrícolas com o objetivo de possibilitar a permanência no meio rural, garantindo qualidade de vida e a manutenção da propriedade rural. E na busca da complementaridade de rendas para a permanência da família no espaço rural, as atividades turísticas são uma alternativa, em certa medida, viável.

São inúmeros os casos de turismo rural no Brasil, citamos os três exemplos da região sul por serem os que mais se aproximam histórica, cultural e geograficamente da região focal deste estudo. Quanto à proximidade geográfica, além dos exemplos do Caminho de Pedras e

dos Campos de Cima da Serra, são encontrados roteiros e iniciativas em municípios vizinhos ou muito próximos à Santa Maria do Herval, e já com propensão turística, é o caso de Gramado e Nova Petrópolis, o primeiro de colonização italiana e em menor grau, mas também presente, de colonização alemã, possui roteiros e caminhos rurais, e o segundo retoma em seu roteiro os aspectos da cultura alemã. O mesmo acontece nos municípios próximos e que se assemelham culturalmente e/ou paisagisticamente com Santa Maria do Herval, tais como, Morro Reuter, Picada Café, Dois Irmãos e Ivoti, originárias da Colônia de São Leopoldo.

Os últimos municípios citados aproximam-se melhor da realidade rural de Santa Maria do Herval, tanto em relação às atividades agropecuárias e industriais desenvolvidas, quanto em não terem uma consolidação das atividades turísticas, apesar de presentes, são roteiros "menos famosos" que os citados anteriormente.

Em Santa Maria do Herval são poucas e recentes as iniciativas de turismo rural, sendo encontrados campings, balneários, pousadas, cabanas, uma vinícola, uma fábrica de chocolates, artesanatos, pubs e mais as caminhadas no meio rural, além do Grupo de Mulheres Alegria de Viver, em que as integrantes fazem artesanatos com palhas e crochê, ademais do preparo de comidas típicas e da tradição do Canto Coral em alemão na igreja. Essas atividades são exercidas mensalmente em um roteiro de turismo rural do município, com exceção do ano de 2020 e, por enquanto, do ano de 2021, devido à Pandemia de Covid-19.



Figura 5- Pub turístico de Santa Maria do Herval



Figura 6- Cascata da Linha Marcondes - Santa Maria do Herval

Quando falamos do desenvolvimento do turismo rural, não podemos esquecer que além de diminuir o tempo ocioso e a integração nas datas festivas das localidades, essa atividade concorre com as outras atividades, agrícolas e não agrícolas, desenvolvidas pelos membros das famílias, dentro ou fora da propriedade. Isso acontece tanto em relação aos recursos humanos quanto em relação aos recursos naturais disponíveis, provocando alterações

no local em que ocorre (ELESBÃO, 2010). Portanto, o "turismo rural, para obter êxito, deve envolver a comunidade regional em todas as fases" (ZUNIGA, et al., 2010, p.287).

3 METODOLOGIA

O interesse em estudar Turismo Rural em Santa Maria do Herval, surgiu em viagens de férias no município, e as indagações começaram principalmente após conhecer um pouco mais sobre os pontos turísticos da região. Cidades como Gramado e Nova Petrópolis, que fazem divisa com Santa Maria do Herval, têm no turismo uma de suas principais fontes de arrecadação, incluindo também iniciativas de rotas de turismo rural. Outros municípios próximos, ou que fazem divisa, como Picada Café, Morro Reuter, Ivoti e Dois Irmãos também apresentam oferta nos serviços de hospedagem, lazer e alimentação no meio rural. Conhecendo e comparando essas experiências de turismo rural, surgiram questionamentos sobre Santa Maria do Herval, os quais fomentaram o problema de pesquisa e os objetivos deste estudo.

A inquietação e a curiosidade em conhecer os fatores que diferenciavam Santa Maria do Herval dos demais municípios próximos fez com que o olhar crítico se apresentasse nas visitas seguintes, ao perceber costumes, falas, cultura, questões socioeconômicas e a paisagem do local. Para aprofundar o conhecimento e agregar informações que pudessem auxiliar na elaboração do estudo e, em alguma medida, responder o problema de pesquisa, a decisão foi de conhecer o que os moradores e representantes do poder público compreendiam sobre a questão apresentada.

No que tange à coleta dos dados, o método científico utilizado foi do tipo exploratório com caráter qualitativo dos dados. Os estudos exploratórios buscam analisar contextos a partir de conceitos e temáticas com uma nova perspectiva, submetendo a uma análise estes novos fenômenos que são desconhecidos (SAMPIERI, COLLAD e LÚCIO, 2013).

Ainda, como perspectiva metodológica, optou-se pelo estudo de caso, o qual se caracteriza pela interrogação de fenômenos cujo comportamento ou informação deseja-se conhecer. Seguido de uma análise qualitativa de dados, obtendo-se conclusões sobre o problema de pesquisa (GIL, 2008). Isso foi gerado através de estudos de campo, de forma que

a teoria foi utilizada para fundamentar a percepção obtida através dos discursos perceptivos dos interlocutores acerca do turismo rural.

Para que o estudo fosse realizado, iniciou-se com a pesquisa bibliográfica, de forma a fazer um levantamento sobre o que já apareceu na literatura sobre percepção, pluriatividade e sobre turismo rural, e o que se pode acrescentar. A revisão de literatura é importante, pois “compartilha com o leitor os resultados de outros estudos que estão intimamente relacionados àquele que está sendo realizado” (CRESWELL, 2010, p.51). Essa primeira etapa foi essencial para dar rumo às estratégias de pesquisa do estudo, bem como base para referências de análise e comparação entre os resultados que foram obtidos na fase de trabalho de campo e de entrevistas on-line. Além da pesquisa bibliográfica, foram utilizados dados secundários, provenientes do banco de dados do IBGE/SIDRA e dados primários, obtidos no decorrer da pesquisa de campo.

Portanto, esgotada a fase inicial, para a elaboração dos dados primários foram realizadas entrevistas com agricultores familiares e representantes de órgãos públicos. “Geralmente, para a coleta das informações, a pesquisa qualitativa recorre à observação participante e à entrevista [...] de modo a recolher o máximo de informações pertinentes” (DESLAURIERS E KÉRISIT, 2010, p.138). Realizou-se uma análise qualitativa, na busca por aproximar o sujeito e o objeto do estudo (MINAYO E SANCHES, 1993). Isso foi possível após o entendimento teórico da formação econômica do espaço rural brasileiro, e do Rio Grande do Sul, bem como do turismo rural enquanto alternativa de renda para famílias pluriativas.

O instrumento utilizado nessa etapa foi a entrevista semiestruturada, uma vez que nessa o entrevistador faz “poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas. Quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira sutil, para preservar a espontaneidade do processo” (GIL, 2008, p. 60). Esse mecanismo foi importante na construção do estudo, uma vez que, as diferenças e semelhanças percebidas pelos agricultores e representantes de órgãos públicos possibilitará compreender a relação entre o turismo rural e o desenvolvimento desse espaço.

Na fase de realização das entrevistas, foram identificadas e selecionadas pessoas que tinham potencial para comentar sobre suas percepções acerca de atividades de turismo rural enquanto alternativas para o desenvolvimento rural no município.

Para a elaboração dessa dissertação, foram necessários alguns passos. O primeiro, portanto, em relação a percepções próprias obtidas em viagens à Santa Maria do Herval. Devido à Pandemia do Covid-19, os planos iniciais de entrevistar os agricultores e representantes de órgãos públicos do município, que ocorreriam nos meses de agosto e setembro de 2020, precisaram ser repensados. A impossibilidade de realizar as entrevistas presencialmente, fez com que as entrevistas fossem online, por meio de chamadas de vídeo, entre os meses de dezembro de 2020 e fevereiro de 2021.

Ainda durante o primeiro ano no mestrado, o olhar crítico passou a prevalecer nas visitas feitas a este local, em outubro de 2019 foi realizado um encontro com os representantes de órgãos públicos de Santa Maria do Herval e entrevistas com agricultores familiares, no intuito de fazer um diagnóstico rural do município. Portanto, após a revisão de literatura, necessária para a construção do arcabouço teórico do presente estudo, e após a caracterização territorial e social apresentadas previamente, para dar início à metodologia utilizada na elaboração desta dissertação, foram utilizados materiais, entrevistas e percepções obtidas entre os dias 23 e 25 de outubro de 2019. Além desse material, entrevistas on-line e conversas com informantes-chave residentes no município, realizadas entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2021 fazem parte da análise metodológica do presente estudo.

A principal fonte de dados secundários utilizada foi o SIDRA/IBGE, no qual foram coletados indicadores geográficos e socioeconômicos, tais como: relevo, índice pluviométrico, clima, tipos de solo, produção agropecuária e industrial, PIB, demografia, entre outros, esses dados foram também apresentados no início do presente estudo.

A etapa seguinte consistiu em marcar uma reunião na prefeitura de Santa Maria do Herval. Na data pré-estabelecida estavam presentes a prefeita, a chefe do escritório da Emater do município, e o funcionário da Secretaria de Turismo, além dos oito estudantes e do professor responsável pela disciplina.

A prefeita, juntamente com a representante da Emater contou a respeito da história do município, bem como da cultura e das festividades locais. Em seguida, com os dados secundários coletados, questionamentos sobre a dinâmica agropecuária, o relevo, clima, PIB, demografia, indústrias, educação, saúde e sobre novas atividades, como o turismo rural foram realizados.

É importante ressaltar que a principal atividade econômica do município é a industrial, devido às indústrias calçadistas e ao frigorífico, instalados neste espaço. Contudo, essa atividade tradicionalmente urbana, foi abrangida apenas indiretamente, sem adentrar as suas minúcias.

Em dezembro de 2019 foi realizada uma nova visita à Santa Maria do Herval, com a intenção de observar e redefinir o enfoque do presente trabalho. Dado o conhecimento territorial e de parte da população do município, e sabendo que a percepção sobre as atividades de turismo rural é, por vezes, distinta, a decisão foi de conhecer as diferentes opiniões, tanto dos agricultores como dos representantes de órgãos públicos.

Para complementar as informações que haviam sido coletadas no trabalho de campo de 2019, foi necessário buscar dados a fim de caracterizar a região e o município. Dentre eles, dados socioeconômicos, culturais, contemplando aspectos relacionados à saúde, trabalho, educação e geografia.

Assim, a demanda necessária foi estudar os processos histórico-culturais e socioeconômicos pelo qual o país, e mais especificamente, a região da antiga colônia de São Leopoldo passou, para melhor compreender o atual contexto do município de Santa Maria do Herval e a relação entre atividades agrícolas e não agrícolas, as quais imputam um caráter pluriativo às famílias de agricultores.

O processo de formação econômica e de organização social é complexo, por isso foi conveniente retomar cerca de um século de história para podermos melhor compreender por que certas atividades são mais realizadas e abrangentes que outras.

Para tanto, além dos seis representantes de órgãos públicos entrevistados, foram entrevistados quatorze agricultores, sendo oito mulheres e seis homens.

Entre as mulheres, duas estavam na faixa dos 20 a 25 anos, duas acima dos 30 anos, uma com mais de 40 anos, duas entre 50 e 60 anos e uma com mais de 80 anos. Todas elas vivem no meio rural, e todas exceto uma jovem, exercem ou já exerceram atividades agrícolas em conjunto com atividades não agrícolas, seja na cidade ou na propriedade familiar.

Entre os homens a faixa etária predominante foi entre 50 e 60 anos, com três entrevistados, após dois entrevistados entre 25 e 30 anos e um entrevistado na faixa dos 40 anos. Desses, apenas os jovens não exercem atividades agrícolas, porém, as famílias de ambos estão inseridas na dinâmica de pluriatividade.

A pluriatividade das famílias rurais levou à indagação de quais seriam os principais empregos, tanto agrícolas quanto não agrícolas, desenvolvidos pelas famílias do município. Após, constatou-se que o turismo rural cabe na categoria de pluriatividade, enquanto atividade econômica de complemento de renda para famílias que residem e produzem em áreas rurais.

Para que o conceito de turismo rural fosse compreendido, foram realizadas leituras sobre o tema, além disso, iniciativas já consolidadas de turismo rural, especialmente da região sul do Brasil foram estudadas. É importante que os conhecimentos teóricos e práticos sejam compartilhados para que se possa aprender com os erros e acertos do passado.

De forma a melhor compreender a percepção acerca do turismo rural enquanto alternativa de renda para a população e de desenvolvimento do espaço rural, dividimos este capítulo conforme os assuntos abordados nas entrevistas.

O roteiro semiestruturado que guiou parte das entrevistas foi organizado em três blocos de diferentes assuntos. No início das entrevistas, foi feito o agradecimento pelo tempo disponibilizado pelos entrevistados, e explanado que as entrevistas estavam ocorrendo online pela impossibilidade de conduzir uma pesquisa social presencialmente durante a pandemia. Antes mesmo de trazer o primeiro questionamento, foi explicado para os entrevistados do que se tratava a pesquisa, bem como os temas.

Dessa forma, foi realizada a leitura de trechos da dissertação que melhor explicavam cada temática. Assim, o primeiro a ser explicado, foi o conceito de pluriatividade, após, os conceitos de percepção e de desenvolvimento rural, e por fim o de turismo rural. Cumprida essa etapa da entrevista semiestruturada, a primeira pergunta feita aos entrevistados, foi “Em quais trabalhos você percebe que a juventude rural do município mais se insere?” Feito o questionamento, os entrevistados falaram livremente, por vezes saindo do roteiro pré-estabelecido, porém, esse “desvio” foi benéfico, uma vez que foram apresentados dados e

declarações que não demos a devida importância na fase anterior às entrevistas, mas que eram informações relevantes.

Novos questionamentos foram feitos apenas quando ocorria o esgotamento de determinado assunto. Porém, muitas das perguntas contidas no roteiro semiestruturado, não precisaram ser realizadas, uma vez que os próprios entrevistados acabavam concedendo essas informações durante suas falas. Além disso, questionamentos que não constavam no roteiro, foram efetuados, quando pertinentes para os resultados do estudo.

Portanto, além das entrevistas on-line de 2021, as conversas entre 2019-2021, as reuniões e as entrevistas presenciais realizadas em outubro e dezembro de 2019, foram utilizadas para a etapa dos resultados do presente estudo, que serão vistos nos próximos capítulos. Dessa forma, para melhor compreendermos a percepção dos representantes de órgãos públicos de Santa Maria do Herval, devemos antes situar e analisar o que foi dito sobre desenvolvimento rural, pluriatividade e turismo rural.

4 O TURISMO RURAL E RELAÇÃO DE SUAS ATIVIDADES COM O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO RURAL DE SANTA MARIA DO HERVAL

Conforme observado no capítulo 1, o município de Santa Maria do Herval ficou conhecido na região da Serra Gaúcha pela grande produção de batata, tanto que a *Kartoffelfest* (festa da batata) ocorre na semana do aniversário de emancipação do município. São dois finais de semana de festa, que além de servir para um reencontro entre as pessoas de diferentes comunidades, atrai turistas dos municípios próximos. Nos dias da festa ocorre a venda de comidas típicas, feitas à base de batata, apresentações musicais e culturais alemãs, exposição de maquinários, venda de produtos agroindustriais, da cerveja e dos chocolates produzidos no município.

Apesar de ainda ser a festa tradicional, nos anos em que as entrevistas foram realizadas, apenas cerca de 50 famílias continuavam a produzir batatas, isso porque não é mais economicamente viável produzi-las sem o uso de tecnologias de agricultura extensiva. Assim, os agricultores que continuam produzindo batatas, arrendam terras em cidades da região dos Campos de Cima da Serra, onde o relevo propicia o uso de tratores, maquinários e

caminhões. Conforme as informações obtidas através da Emater, os principais tipos de batata ainda cultivados são: Asterix, Ágata, Macaca e Baronesa.

Em 2019, durante a reunião na prefeitura, outra atividade destacada, foi a silvicultura, em maior quantidade com a plantação de Acácia Negra, além de pinus e eucalipto, que também são importantes comercialmente. Segundo o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a acacicultura é uma atividade que não requer grande quantidade de trabalho, lembrando que para a colheita da Acácia Negra, espera-se no mínimo sete anos. Além disso, o entrevistado 4 menciona que “depois de idosos, Acácia é colhida por terceiros, colhem "arrendando", meio a meio” (Entrevistado 4).

Essa fala comprova o que foi escrito por Schneider, (2004, p.106) de que um aspecto importante “dessas transformações seja o surgimento de novas formas de trabalho como a parceria, a meeia e o arrendamento na própria agricultura. Em geral, essas novas formas de utilização da terra combinam-se com o exercício de atividades assalariadas”.

O funcionário da Secretaria de Turismo trouxe também em sua fala a questão da acacicultura, que além da venda da casca das Acácias Negras para a extração de tanino, a lenha funciona como atividade de cadeia auxiliar direta ao turismo e ao turismo rural nos municípios vizinhos,

Também tem muitos produtores de lenha que já racham prontinhas, embala e tá pronta pra ir pra fogueira. E a casca da acácia vai pras indústrias. Geralmente se prepara o ano inteiro para no inverno ter o estoque para fazer o varejo da lenha em Gramado (Entrevistado 3).

A cultura da Acácia Negra permite que a mão de obra e parte da terra fiquem livres para desenvolver outras atividades durante o seu ciclo, de no mínimo sete anos. Assim, uma das atividades de maior importância econômica para Santa Maria do Herval, é a olericultura. Cerca de 80 famílias têm nessa atividade ao menos parte da fonte de renda. Esses agricultores são diversificados, produzem brócolis, repolho, rabanete, couve-flor e cenoura. Além disso, alguns agricultores produzem também aipim e feijão, seja para venda no varejo ou para subsistência. Ainda, segundo o entrevistado, “a proximidade com Porto Alegre e com Caxias do Sul possibilita ao agricultor plantar e vender” (Entrevistado 4).



Figura 7- Cadeias curtas de produção - Feira do agricultor de Santa Maria do Herval

Além de vendas em Porto Alegre, seja na Ceasa ou em mercados e restaurantes, alguns agricultores vendem também nos mercados e restaurantes do município, ou em estabelecimentos comerciais de cidades próximas, há também à venda em beira de estrada. Essa proximidade com grandes centros consumidores, possibilita uma série de alternativas de renda para os moradores da região, podendo explorar diversas atividades agrícolas e formas de comercialização da produção.

Nos últimos anos, a atividade agropecuária que mais tem crescido no município é a avicultura. A prefeita do município de Santa Maria do Herval observou que essa atividade se demonstra vantajosa para os agricultores, isso porque quando decidem investir em aviário na propriedade, saem da prefeitura com crédito em mãos, além disso, como o financiamento ocorre via PRONAF, são concedidos três anos de carência além de mais oito anos para pagar o valor financiado.

Aviários de duas empresas são encontrados no município, a Nutrifrango de Morro Reuter e a Pinheiros de Presidente Lucena. Ambas trabalham com o sistema de integração, ou seja, os proprietários dos aviários recebem assistência técnica, os pintos e a ração. Os agricultores criam os animais em média 45 dias e após, a empresa busca os frangos para levar para o abate e comercialização. Em relação à avicultura, o Entrevistado 4 comenta que “os aviários estão no topo na questão de retorno econômico, mas esse tipo de atividade deixa de ser caracterizada como agricultura familiar, e empresarial” (Entrevistado 4).

No roteiro de entrevistas, um dos questionamentos foi sobre quais são as principais atividades agrícolas desenvolvidas pela juventude rural do município, a “entrevistada 6” mencionou a avicultura:

A parte de avicultura principalmente, criação de frangos, ovos e derivados, ela tá em vasta expansão desde 2019 e continua sendo incentivada em 2020 dada a exceção do início de 2020 com as questões climáticas, não foi nem a pandemia, mas as questões climáticas interferiram diretamente nessa produção, porque a gente teve uma extrema seca de vários meses aí no início de 2020.

Além da avicultura, outra tendência observada pelos entrevistados é em relação ao cultivo de frutas, legumes e verduras, que também vem empregando a juventude rural:

E principalmente, então falando mais de agricultura propriamente dita, a parte do cultivo de frutas, verduras, legumes do município. Mas, mais e que a gente percebe são os morangos. Os morangos nós estamos com quatro produtores. Daí então uma produção não tão mais convencional, indo mais para questão assim do sem agrotóxicos e muitas vezes até do orgânico (Entrevistada 6).

Encontra-se em menor quantidade a plantação de milho e de pastagens, criação de porcos, de vacas leiteiras e de gado de corte, há também propriedades que desenvolvem a piscicultura e a criação de caprinos com embriões selecionados.

4.1 Pluriatividade, êxodo rural e novas alternativas

Outras atividades econômicas não tradicionalmente agrícolas, são exercidas pela população rural de Santa Maria do Herval, caracterizando essas famílias como pluriativas. Dentre as atividades do setor secundário e terciário, a de maior abrangência são as indústrias, tanto a calçadista quanto o frigorífico, responsáveis pelo valor de R\$ 60.835.000 do PIB municipal.

As indústrias calçadistas instaladas no município ainda nos anos 1980 respondem pela maior parcela do PIB de Santa Maria do Herval, além disso, o setor industrial é o que mais gera empregos, seja para a população urbana ou rural. Apesar de não haver transporte público ligando a zona rural com o centro, onde a maior parte das indústrias está localizada, as empresas fornecem o transporte coletivo até o trabalho, tornando viável à população continuar

residindo nas propriedades rurais. Em relação aos empregos, o “entrevistado 5” comenta que “ainda hoje o que mais emprega os jovens é o calçado”.

Conforme visto no capítulo anterior, nas famílias pluriativas, o que geralmente acontece é que o pai/marido continua exercendo atividades agropecuárias, e as esposas e filhos trabalham em outras atividades, seja na propriedade ou na cidade. As oportunidades de emprego, em maior quantidade nas indústrias e em menor nos setores de comércio e/ou serviços faz com que essa parcela da população não precise buscar os municípios próximos para trabalhar. Mesmo assim a entrevistada, observa que “no ano de 2018, Santa Maria do Herval foi a única cidade da região que caiu a população” (Entrevistada 1).

Alguns pressupostos podem ser levantados em relação a essa observação: nas últimas décadas, a busca pela educação em nível superior tem aumentado. O fato de não haver nenhuma instituição de nível superior no município, e nenhuma universidade pública nos municípios vizinhos, pode contribuir para que os jovens decidam mudar-se para cidades maiores. Outra possibilidade é que a população busque um maior nível de renda em municípios próximos, seja em atividades agrícolas, como foi o caso das plantações de batatas, que alguns habitantes migraram para outras regiões, ou em atividades não tão difundidas em Santa Maria do Herval. A observação feita pela secretária de turismo levanta outra percepção sobre a juventude rural do município, uma vez que alguns buscam cursos técnicos ou mesmo de aperfeiçoamento, com o intuito de empreender, e não somente o ingresso em universidades:

É nesse sentido, é no sentido de que o jovem, ou ele ou ele permanece e trabalha em áreas tradicionais como o calçado ou comércio local, ou ele permanece justamente para empreender e inovar, que é o caso da sucessão. Gerações em muitas dessas propriedades onde esses jovens começam a perceber o turismo como uma fonte de transição, de segmento. Ou ainda o jovem sai e não volta. Se ele sai para estudar, ele normalmente sai para estudar, se aperfeiçoar dentro daquilo que ele está vivenciando dentro da família assim, dentro do que ele tá empreendendo muitas vezes. É o caso da chocolataria, são os jovens empreendendo no meio rural que foram buscar conhecimento para empreender. Na vinícola, os filhos estão efetivamente com a vinícola, o pai planta a uva, não é ele quem beneficia é uma organização dos filhos. Eu acho que são exemplos de sucessão. A família Olbermann aqui que está começando a trazer esses jovens que estão virando adultos para dentro dessa produção de batata, de verduras e hortaliças (Entrevistada 6).

Essas falas nos levam a observar o comportamento, conversas e perspectivas futuras da população em relação à sucessão rural. Portanto, quando questionado sobre a sucessão rural, o entrevistado 4 observou que “Há famílias que incentivam os filhos a estudar. Quem tem estudo pode voltar” (Entrevistado 4).

De fato, algumas pessoas que saem do município para fazer faculdade acabam retornando, é o caso de dentistas, professores, enfermeiros, veterinários, dentre outras profissões. Porém, essas pessoas voltam para exercer a profissão e não necessariamente para trabalhar na propriedade da família. “O êxodo acontece, ele é bem comum. Muitos desses jovens saem e não voltam. Ou ficam fora ou eles criam outras profissões fora daqui e tem só o local como lazer final de semana para visitar os pais” (Entrevistada 2).

4.2 Outras faces da pluriatividade: o turismo rural e a cadeia auxiliar de turismo

Há uma parcela dos jovens hervalenses que permanece não apenas morando nas propriedades rurais, mas trabalhando na agricultura. Diferentemente dos jovens que trabalham nas atividades fabris ou de comércio e que só retornam para a propriedade familiar no final do dia, observa-se que:

A maioria dos jovens que ficam são das famílias que já têm tudo mais mecanizado na agricultura, é o caso dos Olbermann [que cultivam as batatas em São Francisco de Paula, e apenas beneficiam em Santa Maria do Herval]. Dá mais prazer para o jovem fazer tudo sem se sujar tanto (Entrevistado 3).

Por outro lado, alguns jovens e/ou famílias já vem implementando atividades alternativas que geram renda e garantem a permanência no campo. É o caso da chocolataria e da vinícola, comentados acima. No segundo caso, a família agrega valor às uvas cultivadas na propriedade. Outro exemplo importante a se mencionar, são as mulheres que vendem artesanatos e comidas, além de estarem à frente da produção, elas vendem na feira que acontece aos sábados no centro, e que atrai turistas das cidades vizinhas. Ainda sobre a feira, outro caso de complemento de renda familiar, é o da venda de frutas, legumes e verduras, pela filha de um produtor rural que saiu para fazer graduação, mas que trabalha nos finais de semana vendendo os produtos que seu pai planta. Além da feira e dos empreendimentos mencionados, comentou-se um exemplo:

Uma família que veio plantar morango, eles estão fazendo geleia e estão buscando o selo de agroindústria. A produção congelada eles já transformam em outras coisas, eles vendem o morango *in natura*, congelado, geleias, outros produtos e tem o colha e pague, que é a parte mais legal. Eles dão as bandejinhas e tu vai lá e colhe os teus morangos (Entrevistada 6).

Sobre agregar valor aos alimentos produzidos nas propriedades, uma das entrevistadas percebe que muitas vezes as pessoas acreditam que comercializar um produto ou serviço requer grandes investimentos:

Às vezes a pessoa nos fala ‘Eu não quero investir, ter um café’, mas tu tem uma propriedade legal, tem um vizinho que *faça* um pão e uma cuca, serve alguma coisa ali. É uma questão às vezes de 10 minutos, de tu fatiar um pão, de tu colocar uma *schmier* que o outro vizinho faz um potinho, e de arrumar uma bandejinha bonita. A pessoa vem no final da tarde, serve uma torrada e conta ali, em 10 minutos a tua história, como é produzida (Entrevistada 6).



Figura 8- Cerveja Artesanal de Santa Maria do Herval

Além de alimentos, outros produtos e serviços podem gerar complemento de renda para as famílias rurais. Conforme observa-se em municípios da região em que o turismo rural se encontra consolidado, os artesanatos em palha, crochê ou madeira, por exemplo, as bebidas tradicionais e os produtos agroindustriais são comercializados em pontos turísticos ou mesmo em cooperativas e feiras. Dada a variedade de produção agrícola, há também a variedade de matérias primas para a confecção dos produtos citados.

Olha quanta matéria prima, quanta coisa tu tem aqui. Tem a folha de plátano, de batata, tu tem a gastronomia. O que, de gastronomia se pode desenvolver

que o município precisa? Nós temos três restaurantes centrais, além de um no interior e uma padaria. Mas a gente não tem uma cafeteria aqui. E Porque não fazer no interior, um café da colônia? Faz um café do interior, com mesas bonitas, não precisa ser nada muito caro, mas dá pra desenvolver essas questões (Entrevistada 6).

A preocupação com a segurança de quem ofereceria essas atividades e mesmo com a segurança do turista, especialmente durante a pandemia também apareceu na fala da mesma entrevistada, sinalizando que não apenas serviços de consumo no local poderiam ser desenvolvidos, mas também de produtos para a venda:

Claro, a gente tem que pensar nas questões sanitárias e na biossegurança, ultimamente mais do que nunca. Mas se for pensar de uma forma simplória, será que não tem um espacinho aqui no centro da cidade que se possa locar, começar com um espaço pequeno, de café saboroso, pão artesanal que a “Fulana” produz. Pegar produtos locais, juntar todos num lugar e montar uma coisa diferente. E produtos regionais, a gente tem agroindústrias locais que são muito legais, porque não né?! (Entrevistada 6).

Diversas são as atividades e serviços que podem ser desenvolvidos para agregar valor aos produtos produzidos em uma propriedade. Porém, há comportamentos e modos de pensar, segundo alguns entrevistados, que precisam ser rompidos em relação a questões como inovação e empreendedorismo rural por parte dos colonos-operários,

Nós temos um aspecto cultural para observar. Esse medo de não dar certo veio com o imigrante que chegou aqui e abriu a picada, fugiu da guerra e estava com medo de não dar certo. Isso ainda é muito presente, então a gente teria que trabalhar essa questão cultural para quebrar esse padrão. [...] O que acaba acontecendo né, pessoas de fora, investidores externos acabam entrando, fazendo aquelas atividades que eles estavam com medo. E daí acabam criticando, “porque vocês deixaram entrar alguém de fora para fazer isso que eu faço (Entrevistada 6).

Apesar das influências culturais observadas, os representantes da Secretaria do Turismo de Santa Maria do Herval percebem que obtiveram resultados positivos nas localidades, desde o início do trabalho. Porém, foi observada também a ruptura das atividades turísticas, devido à pandemia.

Mas agora o exemplo do lado positivo então. Nesses dois anos de trabalho que estamos à frente da secretaria, conseguimos conversar com os grupos de mulheres de uma forma tão legal, que de um deles a gente conseguiu extrair um Café da Colônia no roteiro de turismo rural. Tem o canto coral alemão, as

senhoras cantam no roteiro. Então assim, a gente teve a técnica da Emater que intermediou conosco isso, e que mostrou “olha gente, vai ser legal para vocês.” Chegou no presidente da comunidade e disse “olha esses dois jovens, a Secretaria de turismo tá vindo para trabalhar com vocês de uma forma diferente”. Os roteiros que fizemos foram muito satisfatórios, a gente via nos olhinhos delas a satisfação em conversar com os visitantes. E assim, elas estavam na cozinha fazendo o café da colônia e dava pra ver que era com gosto, e além disso elas estavam ganhando o dinheirinho delas, estavam tendo o retorno financeiro. Era R\$20,00 por pessoa, tinha grupos que tinha 15 pessoas tinha 20, grupo que tinha 30 sabe, já teve grupo até 50 pessoas. Então, foi muito legal ver isso acontecendo. Claro, a pandemia agora quebrou um pouco isso né. Então nos complicou muito essa situação. Mas a gente acredita que ao longo de 2021 a gente consiga retornar com isso e pensar até inclusive mais coisas em relação a esses grupos de mulheres, porque não ter uma banquinha na Feira do Produtor, porque não vender os produtos ali, uma ou duas barraquinhas. Elas se revezarem para cuidar, todo mundo coloca produto um conjunto. Fazer uma coisa assim bem cooperativada que mostre para elas que juntas elas conseguem crescer. Não precisa ficar assim se empurrando, todo mundo cooperando que a coisa vai funcionar (Entrevistada 6).



Figura 9- Caminhada Rural, Café da Colônia

A pluriatividade das famílias pode ser observada sob duas diferentes óticas em Santa Maria do Herval. De um lado, o que seria a pluriatividade "industrial", ou seja, parte da família desenvolve atividades agrícolas, enquanto outros membros se inserem em empregos nas indústrias.

De outro lado, vem conquistando espaço outra forma de pluriatividade: aquela em que parte dos membros familiares exerce atividades agrícolas, enquanto os outros membros desenvolvem atividades não tipicamente agrícolas na propriedade rural. Entre essas

atividades, podemos citar as gastronômicas, os artesanatos e o próprio turismo. Nesse sentido, o turismo apresenta-se em municípios da região como uma das atividades econômicas que mais gera emprego e renda. São diversas profissões, desde a hotelaria e gastronomia, até o entretenimento, que podem ser acessadas pela população. Quando questionado se há alguma atividade em que os filhos de agricultores poderiam se inserir e que ainda não se inserem, o entrevistado comentou sobre as atividades de turismo rural:

A própria questão da hospedagem rural e da alimentação rural ainda é pouco explorada no município, pensando no viés do turismo. A gente poderia ter um leque de opções de um café no campo, de hospedagem na casa da pessoa, sabe, coisas que fossem diferenciadas poderiam ser trabalhadas sim de uma melhor forma. Tem muitas famílias, na verdade, com potencial para isso e até para as agroindústrias também (Entrevistado 3).

A hospedagem no meio rural também foi mencionada em entrevistas. No decorrer do ano de 2019, havia apenas uma pousada no meio rural do Município, a Pousada Pioneira, pertencente a uma investidora local. Ao final do mesmo ano, a Fazenda Angelim passou a receber hóspedes no meio rural, o empreendimento pertence a dois jovens, um natural de Gramado e outro de São Paulo. Ambos residem atualmente no local e exercem as atividades necessárias para o recebimento de hóspedes e manutenção da propriedade. A terceira iniciativa de hospedagem instalada no meio rural do município recebeu o nome de Bangalô Refúgio da Montanha. Esta última, apesar de estar localizada no meio rural, não se encaixa na nomenclatura de Turismo Rural, conforme explicado no início do presente estudo. Sobre os Bangalôs:

Essa na verdade é uma extensão de um estabelecimento local de Gramado, eles montaram bangalôs ali na Nova Renânia [localidade de Santa Maria do Herval que faz divisa com Gramado] de alto padrão para receber aquele visitante de Gramado e que quer ficar mais tranquilo, sossegado e bem interiorano. Inclusive eles produzem suco de uva próprio ali, produzem algumas geleias deles, eles tem um responsável, um funcionário que assa churrasco na vala pros hóspedes, coisas diferenciadas (Entrevistada 6).



Figura 10 - Bangalô em Santa Maria do Herval

Após a abertura das pousadas e dos bangalôs, a entrevistada conta que alguns moradores de Santa Maria do Herval perceberam as oportunidades de hospedagem de turistas nas propriedades rurais, e apesar de não terem investido em infraestrutura específica para a atividade turística, passaram a oferecer hospedagem por meio do site *Airbnb*.

Agora, com o nosso residente local nós temos 3 casas pelo *Airbnb*. Foi apenas depois dessa movimentação dos externos que surgiram os *Airbnbs* do pessoal daqui, depois que viram que a hospedagem era buscada no Herval (Entrevistado 3).

Apesar de casas pelo *Airbnb* terem iniciado suas atividades de recepção de hóspedes nos últimos dois anos, ainda são poucas as famílias que decidem abrir suas propriedades para a hospedagem ou mesmo para outras atividades de turismo rural. Um fator importante a ser mencionado é que “externos” é referente a pessoas que não nasceram em Santa Maria do Herval. Além da resistência cultural comentada anteriormente, outro ponto tocado pelos entrevistados foi o que chamaram de “cultura fabril”. Segundo o que percebem no município,

A maioria das propriedades não quer abrir para turismo por causa das ideias, dessa resistência. Dizem ‘Mas eu vou ter que trabalhar sábado e domingo.’ Sabe, tem essa resistência cultural mesmo. É a cultura fabril, é a cultura do sábado e domingo, dias de folga (Entrevistado3).

Esse é um impacto bastante significativo observado em locais onde o turismo rural não consistia em uma atividade tradicionalmente exercida anteriormente. As propriedades que abrem para o turismo devem continuar atuando em atividades agrícolas para que o negócio seja caracterizado como turismo rural. Porém, os dias de descanso – sábados à tarde e domingos- passam a ser dias trabalhados, isso porque o turista aproveita o final de semana para visitar esses locais. Outra questão importante já mencionada no decorrer deste estudo é em relação à diminuição da participação em atividades e comemorações da comunidade pelas famílias que decidem investir no turismo.

Por outro lado, há também as propriedades que investem em produtos diferenciados e que atuam na cadeia auxiliar de turismo, e que teriam infraestrutura para receber visitantes, mas que não querem abrir suas propriedades. Segundo os representantes da Secretaria de Turismo, esse é o caso da vinícola em que:

É a família que trabalha, nos finais de semana eles querem descansar. Isso o rapaz me disse, “nesse momento eu não quero no domingo”. Não tem que fazer, não tem. É um pensamento do local. Ambos os sócios, os filhos do senhor que planta as uvas, eles são os sócios da vinícola, ambos têm muita clareza. Eles vendem o vinho para praticamente todos os restaurantes de pequeno, médio e grande porte de Gramado, e para hotéis. Eles sabem o que é o turismo (Entrevistada 6).



Figura 11- Vinícola Weinhaus

Além dos agricultores e das agroindústrias que não querem abrir para o turismo, há agricultores que até gostariam de investir em alguma atividade ligada ao turismo rural, mas muitas vezes por falta de instrução não sabem se conseguem ou o que e como poderiam fazer. O diálogo entre a Secretaria de Turismo, a Emater e outros órgãos se faz importante nesses casos específicos:

Tem o caminho contrário também, pode ter muitas pessoas que estão no interior, querem fazer alguma coisa diferente, mas não sabem como fazer isso, como encontrar. Também para nós irmos ao encontro dessas pessoas, avaliar uma propriedade, trazer ideias, por que não, né?!(Entrevistada 6)

Nesse sentido, a Emater do município prevê uma série de cursos para as mulheres rurais no ano de 2021. Desde artesanatos com palhas, folhas, crochês, a confecção de sabonetes até mesmo para a produção de *schmiers* (geleias), compotas, conservas, bolachas e outros produtos artesanais que gerem complemento de renda e auxiliem o turismo local. Durante a entrevista com os representantes da Secretaria de Turismo, foi levantada a questão da melhoria das opções de lazer em Santa Maria do Herval, principalmente em relação aos balneários, que atraem turistas durante o verão.



Figura 12 - Torta de maçãs

O órgão buscará a inovação nesses locais, de forma que os empreendedores possam oferecer serviços diferenciados durante todo o ano, de forma a atrair turistas e gerar renda. A qualificação dos serviços buscará atrair mais pessoas e incentivar as propriedades no entorno

a oferecer serviços turísticos, seja de alimentação, tais como cafés, padarias, restaurantes ou mesmo de atividades complementares, como turismo de aventura, turismo natural, turismo religioso, turismo de contemplação, ecoturismo, entre outras modalidades de turismo rural. A fala de uma entrevistada vai exatamente nesse sentido,

Nós enquanto secretaria podemos pensar [...] a questão justamente da qualificação local. O condutor local para os roteiros, o monitor de entretenimento, alguma coisa nesse sentido, que a gente pudesse dar cursos e certificar as pessoas pelo próprio poder público, pensando que somos dos profissionais do Turismo. Ou chamar parceiros, aí que a gente tem Sebrae, a gente tem Sesc, sistema A.S, as Universidades parceiras, que possam nos auxiliar ministrando cursos para podermos modificar um pouco essa inter-relação (Entrevistada 6).

Durante as entrevistas, uma importante questão levantada vai de encontro ao que um morador do município, mencionou a respeito da resistência cultural, na qual usou a seguinte frase: "O alemão não coloca no prato a comida que não conhece". No mesmo sentido a impressão é de que ainda existe uma barreira para novidades, tanto em relação a produtos e serviços quanto a novas possibilidades de gerar renda:

O poder de convencimento, de quebrar essa barreira de que aquilo que eu não conheço eu não faço ainda é muito forte [...] E é muito no sentido de a gente conseguir passar segurança para essas pessoas estratégicas para que elas também nos auxiliem a sensibilizar esse produtor rural (Entrevistada 6).

Há entre os entrevistados a percepção de que a localização geográfica de Santa Maria do Herval possibilita diferentes oportunidades para geração de renda. Para eles, o emprego em atividades tradicionais no município proporciona certa segurança, porém não gera expectativas de crescimento pessoal e de renda, já que se constitui mais fortemente na indústria calçadista, agricultura ou comércio local.

[...] eu diria assim, Santa Maria do Herval é uma cidade com pequena população e grande extensão de terras, e um potencial de desenvolvimento maior ainda. Essa questão da variedade de empregos efetivamente, ela é escassa. Mas de oportunidades de empreender ela é enorme, o potencial de desenvolvimento de empreendedorismo é enorme (Entrevistado3).

Ainda em relação a localização geográfica, ao reconhecimento de que estar localizada entre as duas maiores cidades do Estado (Porto Alegre em Caxias do Sul), e entre duas regiões

turísticas (Gramado-Canela-Nova Petrópolis e Vale do Paranhana) torna-se um facilitador para a geração de produtos e serviços diferenciados.

[...] É do lado de Caxias do Sul, se for aproveitar essa questão de trabalho é do lado de Caxias do Sul e de Porto Alegre. A gente tem aqui em volta não só a questão da Serra Gaúcha, mas temos em volta também o Vale do Paranhana, nós temos aqui divisa com Igrejinha, Três Coroas, Araricá, Nova Hartz, Morro Reuter, Picada Café, entre outras cidades que já desenvolvem o turismo. Santa Maria do Herval é uma cidade que nos possibilita muitas coisas (Entrevistada 6).

Um movimento pode ser observado desde 2019 em relação aos serviços turísticos e à cadeia auxiliar de turismo no município. Além das já mencionadas pousadas, agroindústrias, colha e pagues, abriram também alguns pubs no município. Sobre isso, um entrevistado percebe que

A maioria desses pubs tem uma visão mais turística, e até para os jovens isso é muito bom, porque anos atrás "ah, aqui no Herval não tem nada para fazer". Desde pequeno tu já criou uma imagem negativa do município, principalmente nos jovens e agora com esse entretenimento nas noites, nos fins de semana, isso vai mudando também, no Herval tem coisa para fazer (Entrevistado 3).

Além de novos locais, alguns empreendimentos buscam inovar para atrair mais turistas e para aumentar a renda de suas produções, é o caso da fábrica de chocolates, que além de vender na própria loja, vende para mercados e para estabelecimentos comerciais dos turistas que faziam a rota de turismo Rural de Santa Maria do Herval antes da pandemia. O próximo passo da chocolateria é abrir uma cafeteria no local da demanda que os proprietários observaram. Os empreendedores rurais:

[...]estão felizes, na última vez que fui lá, agradeceram a secretaria de turismo de ter implementado esses roteiros, porque os clientes deles hoje, vieram através dos roteiros, foram lá com o roteiro e começaram a comprar. E até fizeram negócios, a fulana tinha um mercado, no roteiro de turismo rural e eles começaram a vender para o mercado da turista. Esse giro de economia, ele começou a acontecer muito em função do turismo rural (Entrevistada 6).

O turismo enquanto atividade econômica vem ocorrendo desde 2018. Mais pessoas passaram a ter interesse em aprender uma nova função, em empreender e em ter contato com

peças de fora do município. Foi naquele ano que a Secretaria de Turismo de Santa Maria do Herval foi instituída.

De um modo geral, incluindo turismo rural, a gente tem bons exemplos, e a gente tem uma crescente de turismo no município associado a agricultura que é muito interessante. Os bons exemplos que a gente tem então justamente aí, empreendimentos que estão abrindo estão deixando as pessoas colherem, estão vendendo seus frutos, estão fazendo coisas diferentes e estão atraindo visitantes. [...] O turismo rural é fortalecido porque esses locais que estão abrindo estão com fluxo muito bom de pessoas, principalmente para comercialização de produtos, e por essa questão deu aspecto local, natureza. O turismo de aventura, o turismo cultural, o turismo gastronômico, são eixos de trabalho que estão se fortalecendo cada vez mais dentro de Santa Maria do Herval (Entrevistada 6).

Além dos empreendimentos já citados, Santa Maria do Herval vem buscando a inserção em outros segmentos do turismo. Como forma de facilitar o acesso e o conhecimento do turismo regional, o Ministério do Turismo lançou uma atualização, em que Santa Maria do Herval, juntamente com mais oito municípios compõem o vale germânico. Os municípios são ligados pela cultura alemã e compartilham do mesmo passado histórico-cultural, sendo as semelhanças entre as pessoas e a cultura perceptível até atualmente.

A gente está desenvolvendo diversas atividades, diversos projetos, nós temos um planejamento estratégico regional, extrapola essa questão do município para pensar o turismo. Somos uma mesma região, e dentro deles só formatando também produtos coletivos rotas regionais que apresentem prosseguimento as diversas nuances do Vale. Ah, vai ter o gastronômico vai ter cervejas artesanais, vai ter o rural, vai ter diversos segmentos que serão trabalhados regionalmente ponto e para isso, cada produto desses vai precisar fazer o chamamento dos seus empreendedores ou dos seus interessados, qualificação, um aperfeiçoamento antes de lançar o produto turístico. A gente ganha uma outra importância [...] outro olhar sobre o turismo [...] O trabalho conjunto é superlegal, porque ele nos ajuda a trocar algumas ideias. Nós temos municípios do tamanho do nosso, municípios maiores, até uma coisa de município menor. Então isso nos auxilia para que a gente pense diferente também, que a gente consiga expandir além das nossas fronteiras (Entrevistada 6).

A fala final da última entrevista é também pertinente para a conclusão do presente capítulo, exemplifica que a união entre pessoas por uma causa comum fortalece o movimento: “a cooperação, a colaboração ela pode trazer benefícios para todo mundo então, quando a gente pensa regionalmente a gente acaba se fortalecendo” (Entrevistada 6).

5 PLURIATIVIDADE E DESENVOLVIMENTO RURAL: O FUTURO DO TURISMO RURAL EM SANTA MARIA DO HERVAL

No presente capítulo, trata-se das mesmas temáticas abordadas no capítulo anterior, desta vez, porém, em relação às opiniões compartilhadas pelos agricultores familiares de Santa Maria do Herval. Devemos deixar claro que, quando utilizamos o termo "agricultores" estamos simplificando a explicação, já que no município em questão, as famílias são em grande parte pluriativas.

Apesar de nos referirmos como agricultores, alguns dos entrevistados são aposentados, outros trabalham em fábricas, há também empreendedores e pessoas que exercem atividades agrícolas entre os entrevistados, porém, todos possuem a agricultura como identidade social.

Percebemos, ao longo do estudo, algumas características peculiares em relação à região da "Colônia Velha Alemã", sejam elas culturais, socioeconômicas ou históricas. Portanto, voltemos primeiramente à dinâmica agrícola do município percebida dessa vez, pelos agricultores.

5.1 A agricultura familiar e a dinâmica agrícola de Santa Maria do Herval

Conforme lembrado no capítulo anterior, a produção de batatas foi de grande importância econômica para o município de Santa Maria do Herval em décadas anteriores. Porém, a "*Kartoffelfest*", ou Festa da Batata, tem sua marca até os dias atuais na identidade e festividade do município.

A produção de batata inglesa em Santa Maria do Herval perdeu seu espaço na economia em decorrência da agricultura extensiva desse alimento, que ganhou espaço na região dos Campos de Cima da Serra e no estado de Goiás, por exemplo.

Porém, o que ainda acontece são agricultores familiares que diversificam sua produção, incluindo uma parte de suas terras destinadas à produção de batatas. O produto é uma das bases alimentares dos povos de origem alemã, e um dos cinco alimentos mais consumidos no mundo. É justificável, portanto, que apesar do baixo retorno econômico dessa

produção em pequenas extensões de terra, ela ainda seja encontrada em algumas propriedades familiares.

Cerca de 50 famílias ainda plantam batatas em Santa Maria do Herval, e vendem seu excedente para o beneficiamento feito pela empresa Irmãos Olbermann. Sobre isso, um dos sócios conta: “Nós lavamos as batatas para quem colhe. Metade das batatas dos pequenos agricultores são revendidas para nós” (Entrevistado 8).

Sete famílias têm sociedade na empresa Irmãos Olbermann, composta por irmãos e primos. Ainda, a empresa conta com 17 funcionários fixos e 12 funcionários contratados de janeiro a junho, seja na plantação, tratoristas, funcionários que lavam e selecionam as batatas ou os que ajudam a vender no varejo. Essa empresa possui equipamentos para facilitar o trabalho de lavagem e seleção das batatas, e apesar de estar localizada em Santa Maria do Herval, a família não planta as batatas no município, arrenda terras no município de São Francisco de Paula, onde é possível plantar em grande extensão de terra e com maquinários.

Diferentemente do que foi afirmado pelos representantes de órgãos públicos de Santa Maria do Herval, um dos entrevistados na empresa comenta que não há grande diversificação nos tipos de batata plantadas: “O que mais se planta é Ágata, mas se planta um pouco de Asterix também. Os mercados querem as batatas boas, sem falhas. Para os restaurantes vendemos as diversas, e as miúdas são menos procuradas” (Entrevistado 8).

Além das batatas, a silvicultura consiste em uma das atividades agrícolas de destaque na região, como pode ser observado na fala de um agricultor entrevistado: “Aqui quase todos plantam Acácia Negra em um pedaço de terra. É uma garantia, tu planta uma vez e deixa, colhe depois de 7 anos, e se o preço estiver baixo tu colhe no outro ano, dá pra tirar um bom extra” (Entrevistado 9).

As cascas da Acácia Negra são compradas pelas empresas de tanino, mas além das cascas, a produção de lenha, tanto para abastecimento de residências no inverno, que utilizam fogões a lenha e lareiras, quanto para venda nos grandes hotéis e cidades vizinhas, é facilmente observada ao passar pelas “colunas” de lenha nas laterais das estradas rurais. Outra característica da Acácia Negra comentada por um agricultor é que, “a Acácia ajuda na fertilidade do solo, quando colhe ela solta um resíduo, é importante deixar apodrecer. Com isso tu consegue uns quatro ou cinco anos de adubação” (Entrevistado 11).

O bom preparo da terra foi citado tanto pelos produtores de batatas quanto pelos olericultores entrevistados. Os agricultores que plantam verduras e legumes vêm conquistando uma crescente importância para a economia das famílias e do município, uma vez que cerca de oitenta delas têm uma pauta produtiva de verduras e vegetais bastante diversificada.

No verão plantamos vagem, rabanete, brócolis, alface e couve-flor. Repolho é algo que tem o ano todo. No inverno plantamos beterraba, rabanete, um pouco de milho, temos laranjas, bergamotas e também as uvas e ameixas. As batatas só plantamos pra consumo próprio (Entrevistado 7).

Produções de frutas, legumes e verduras são vendidas tanto em mercados e restaurantes, quanto na Ceasa em Porto Alegre. Há também agricultores que vendem seus produtos na beira de estrada.

5.2 Atividades em expansão:

A olericultura mencionada no final da última sessão, é uma atividade em expansão, não só devido às suas formas tradicionais de compra e venda, mas também com a expansão dos "colha e pague" presentes no município. Com o roteiro de turismo rural desenvolvido pela Secretaria de Turismo, alguns agricultores decidiram abrir suas propriedades para a venda direta ao consumidor. Outra tendência observada é a demanda dos consumidores por produtos orgânicos. Nesse sentido, há no município agricultores que fizeram o "êxodo urbano", esses recebem a nomenclatura de "novos rurais", pois encontraram no campo formas de inovar. É o caso de um casal que decidiu morar em Santa Maria do Herval para produzir morangos orgânicos. Com o aumento das vendas veio a ideia de abrir a propriedade para que o consumidor possa conhecer como é feita a produção, e se desejar, pode colher os morangos que vai comprar.

O colha e pague de morangos deu tão certo que conseguimos investir para aumentar a produção. Vendemos também morangos congelados, que são os morangos que tem alguns defeitinhos, para fazer suco eles saem bem. Conseguimos investimento para fazer nossa agroindústria de geleias orgânicas, em breve teremos também esse produto (Entrevistada 10).

Além da produção de alimentos orgânicos há também outras culturas, tais como avicultura, piscicultura e plantação de pastagens. Não foram entrevistados avicultores, pois,

apesar de a atividade ser crescente, não consideramos como essencial para o foco do presente estudo. No entanto, não há como não tratar a questão agrícola do município nesse estudo, uma vez que o local tem como uma de suas bases socioeconômicas a agricultura.

5.3 Pluriatividade, êxodo rural e novas alternativas de complemento de renda

Outra base da economia de Santa Maria do Herval, além da agricultura, é o setor industrial. Os ateliês e fábricas de calçados situados no município empregam grande parte da população, principalmente mulheres e jovens. Alguns entrevistados percebem o trabalho nas indústrias como uma boa alternativa de emprego, isso porque para quem trabalha nas fábricas, o sábado e o domingo são dias de descanso. Além desse fator, há salário fixo e direitos garantidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Muitos dos entrevistados nessa fase do estudo estão na faixa etária acima dos 50 anos, na grande maioria dos casos, os filhos ou até mesmo os netos deles trabalham nas indústrias.

Aqui na comunidade tem umas 27 famílias, metade trabalha fora, nos calçados ou no frigorífico, na maioria delas os filhos vão trabalhar nas indústrias e os pais ficam. Tem só duas famílias que os filhos ficaram na agricultura (Entrevistada 14).

Ao mesmo tempo em que há o julgamento de que o setor industrial proporciona uma vida digna aos trabalhadores, há entre os entrevistados aqueles que possuem uma visão crítica sobre essa forma de trabalho.

O problema é que o jovem não se qualifica, quando tem idade para começar a trabalhar, vai para as fábricas, quando vê tá muito pesado, ou muito corrido ir para o colégio à noite e abandona os estudos. Uma vez que para de estudar é difícil voltar. O salário é bom para um jovem, mas ele não vai ter um crescimento grande ao longo da vida e, dependendo da função, não aguentam por muitos anos (Entrevistado 9).

A fala do agricultor não é contra as indústrias, mas sim sobre as condições de trabalho e sobre as escolhas que os jovens poderiam estar fazendo.

Esses jovens têm potencial, não digo que precisam fazer faculdade para isso, mas buscar se especializar em alguma coisa. O emprego na indústria é bom porque dá garantias, mas as pessoas deixam de ir atrás dos seus sonhos, se acomodam. A prefeitura deveria incentivar os jovens a acabar o ensino médio, proporcionar cursos e oficinas para eles (Entrevistado 9).

Estamos mencionando os jovens como a “massa de trabalho” industrial pois, apesar de haver homens e mulheres mais velhos, a maior parte dos operários são filhos de agricultores. “Quem trabalha na firma normalmente são os filhos, tem um ou outro de meia-idade e desses a maioria é mulher” (Entrevistado 9).

Além do trabalho nas indústrias, um questionamento feito durante as entrevistas foi em relação a sucessão rural, pois conforme mencionado, a maioria dos jovens não exerce atividades agrícolas, poucos são os que dão continuidade ao trabalho na agricultura. Ao mesmo tempo em que há, entre os colonos preocupação em relação ao futuro da produção de alimentos e ao uso da terra, parte dos agricultores quer uma vida diferente para seus filhos:

Eu não gostaria que meus filhos ou que meus sobrinhos trabalhassem aqui na agricultura. Isso é muito sofrido! Quando chove a gente tem que ir embaixo de chuva, no verão a gente tem que ir no horário do sol forte, no inverno a geada machuca (Entrevistado 7).

A questão do êxodo rural é também percebida pelos jovens:

A maioria dos meus amigos não trabalham na agricultura. Trabalham nas fábricas, no comércio, como motoristas ou com máquinas, e alguns trabalham nos restaurantes e hotéis de Gramado. Mas na agricultura tem poucos. A gente se preocupa, porque a comida que vai para a mesa quem produz é o agricultor, se não tiver quem planta daqui 20 anos, como vamos comer? (Entrevistado 13).

Quando questionado por que ele não quis trabalhar na propriedade de sua família ele respondeu:

Se precisar um dia, assumo, mas por enquanto o pai não quer, é um trabalho muito difícil, não tem descanso, é pouco valorizado e o dinheiro nunca é garantido, porque a gente nunca sabe se vai dar praga, se vai dar granizo, ou outra coisa que perde a produção. O pequeno agricultor deveria ser mais valorizado (Entrevistado 13).

Apesar da baixa taxa de sucessão rural, entre os jovens há a preocupação com a produção de alimentos no futuro, e alguns consideram assumir a propriedade quando os pais não puderem mais.

5.4 O desenvolvimento rural e as outras faces da pluriatividade: o turismo rural e a cadeia auxiliar de turismo

Comentamos, no capítulo anterior, sobre as atividades alternativas desenvolvidas por famílias e/ou por jovens, que garantem a permanência dessas pessoas no campo, seja exercendo atividades econômicas ligadas à terra ou como, simplesmente, local de moradia.

O caso mais emblemático encontrado no município é a agroindústria de Chocolates Artesanais, em que a proprietária e seu marido conseguiram acessar o Pronaf Jovem. Com o crédito concedido foi possível construir a estrutura da fábrica, comprar os equipamentos e os insumos necessários para produção de chocolates. Os proprietários decidiram investir, pois há mais de uma década haviam feito um curso de chocolates e vinham vendendo trufas e ovos de Páscoa. Dado o sucesso das vendas, a decisão foi de ampliar os investimentos. Além da fábrica de chocolates, há o exercício de atividades agrícolas na propriedade, caracterizando-se assim a família como pluriativa.

As vendas são boas, além da lojinha da fábrica vendemos para alguns mercados da região. Alguns donos de estabelecimentos de cidades próximas passaram a comprar e revender os chocolates depois que vieram nos roteiros de turismo rural. Para nós é muito bom, mais gente compra nossos produtos hoje. Também aumentamos nossa linha de produtos, além dos fixos e dos sazonais tem os sugeridos pelos clientes (Entrevistada 14).



Figura 13- Chocolates Cristiane

Apesar do exemplo da chocolateria, ainda são poucos os casos de atividades turísticas ou ligadas à cadeia auxiliar de turismo no município. Em conversas com uma entrevistada de uma família pluriativa o assunto surgiu da seguinte forma:

Eu tenho esse mato aqui pra cima, gosto de plantas que as pessoas não costumam ter em casa. Um dia penso em abrir a propriedade para receber algumas pessoas. Talvez fazer um quiosque servir sucos e vitaminas feitos com as frutas que tenho aqui, durante o verão e pensar em umas receitas saudáveis e quentinhas para o inverno. Mas acho que vou precisar de ajuda, porque mesmo aposentada tem dias que a gente não dá conta de fazer tudo o que precisa fazer dentro de casa e no pátio, dias que cuido das plantas não posso querer fazer faxina em casa. Não sobra tempo, e apesar de ser gostoso esse contato com as plantas o serviço é pesado (Entrevistada 12).

Entre os dados de pesquisa coletados em 2021, surgiu também a preocupação com a insegurança decorrente da Pandemia do Covid-19. Esse é um fato bastante importante, uma vez que nas famílias pluriativas é comum ter familiares que residem na mesma casa e que fazem parte dos chamados grupos de risco.

Tem gente abrindo bares durante a pandemia, e percebo que tem gente que gostaria de abrir um negócio, com essa onda de turismo que vinha tendo no município, mas acabou desistindo, não só pela insegurança do investimento, de não saber se as pessoas vão consumir, mas a insegurança com a saúde mesmo. Aqui em casa, eu vinha pensando em abrir para hospedagem, mas com a pandemia do jeito que tá não dá nem coragem de pensar. Meus pais são do grupo de risco e vivem na casa ao lado da minha. Como ficaria com a cabeça se os turistas trouxessem o vírus ou eu passasse para eles? (Entrevistada 15).

Outro entrevistado comenta que com a questão da Pandemia, as pessoas deixaram de ir para cidades maiores no entorno e passaram a consumir de estabelecimentos de Santa Maria do Herval: “a gente viu o movimento aumentar. Estão todos cansados de ficar em casa, adotando todos os cuidados a gente consegue sair de vez em quando”(Entrevistado 13).

Não entraremos no mérito da discussão sobre o distanciamento social e Covid-19, até porque são profundas suas raízes, uma vez que envolvem aspectos socioeconômicos e políticos.

Uma característica mencionada em diversos momentos, pelos entrevistados, foi o que chamam de “medo de não dar certo”. Esse temor é, ao mesmo tempo uma questão cultural e infra estrutural. Os povos de origem alemã têm por característica cultural a busca por

segurança, logo, investir em uma atividade diferente das tradicionais, que pode ou não gerar o sustento da família, ou mesmo lucros, acaba não sendo algo com o que se sentem seguros. Uma forma de auxiliar para a diminuição dessa insegurança, é a atuação da prefeitura através de políticas públicas, formação profissional ou mesmo com incentivos financeiros.

Ao mesmo tempo em que a prefeitura diz que têm incentivado o turismo rural e se inserido em novas rotas turísticas da região, os agricultores que gostariam de investir em atividades não agrícolas no meio rural, se veem negligenciados. Quando um agricultor quer investir em um aviário, vai até a prefeitura sai com recurso em mãos para dar início ao investimento, já para as atividades de turismo rural, seja de hospedagem, gastronomia, agroindústrias ou mesmo artesanato, não existe o mesmo tipo de investimento por parte do setor público.

Enquanto os agricultores ficam estagnados no investimento nesses tipos de iniciativas, pessoas de fora do município, inclusive pessoas que moravam em cidades grandes, decidem abrir empreendimentos no município, que vêm atraindo turistas. Porém, mesmo com esses exemplos, ainda há certa resistência por parte dos agricultores, e se já havia o medo em investir em atividades de turismo ou da cadeia complementar de turismo antes da pandemia, agora esse temor aparece ainda mais nas falas dessa população.

Retornaremos agora, para as entrevistas realizadas em 2019, antes da pandemia do Covid-19. Naquele ano as atividades turísticas de Santa Maria do Herval deram um salto como nunca antes visto no município. Uma das iniciativas de maior relevância turística e cultural, em termos de Turismo Rural de Colonização Europeia, ocorre na localidade de Morro dos Bugres Baixo, com o Canto Coral Alemão e com Café Colonial organizado pelo Grupo de Mulheres Alegria de Viver.

A localidade em questão é especialmente relevante na história do município, isso porque foi onde Santa Maria do Herval teve início. Na época da colonização alemã, no local onde encontramos o município, existiam alguns índios, por isso, várias localidades ou mesmo pontos turísticos de Santa Maria do Herval levam o termo "Bugres", porém, hoje não há índios residindo no município. Na rota de turismo rural organizada pela Secretaria de Turismo Santa Maria do Herval, as mulheres do Canto Coral Alemão utilizam a língua alemã para cantar a história do local.

Essa é também a localidade onde há a população mais envelhecida do município. Poucas crianças, jovens e adultos residem no Morro dos Bugres Baixo, fato curioso foi comentado por uma das entrevistadas:

A gente tava ali limpando os túmulos, hoje nós temos essa capela mortuária aqui na frente. A placa diz "escola", porque foi construída para ser uma escola, mas por falta de alunos ela fechou. Ficou dois anos parada e nesse tempo vários idosos morreram, então nós pedimos para prefeitura transformar em uma capela mortuária, eles não queriam, mas não fazia sentido ter a estrutura e não poder usar (Entrevistada 18).

A estrutura onde hoje é a capela, fica em frente à igreja em que são recebidos os turistas. Na entrevista, as senhoras que participam do canto e da organização do café colonial comentaram que:

É bom receber os turistas, eles gostam de ver coisas diferentes, e para nós é bom conversar com quem vem de fora, ouvir ideias diferentes. A gente vê que eles se encantam com os cantos em alemão. Na hora do café é bonito de ver o quanto comem, tudo é feito com muito carinho. [...] também é muito cansativo, tem os ensaios do coral e as mesmas mulheres do coral preparam o café. Acho que tinha que dividir o serviço, chamar as pessoas de outras localidades para ajudar, talvez revezar a cada vez. Não é só porque o município começou aqui que só nós podemos fazer. Tem locais bem mais bonitos que aqui, com mais pessoas jovens morando, que cansam menos pra trabalhar. Pro turista também ia ser bom ver coisas diferentes em cada passeio (Entrevistada 18).

Por outro lado, algumas entrevistadas que fazem parte do grupo de canto e da organização do café, discordam da fala apresentada acima.

Eu entendo que no grupo tem várias senhorinhas e que elas cansam mais; que outras mulheres podiam vir ajudar, mas são as primeiras vezes que fazemos isso, antes o município nunca tinha incentivado o turismo, agora tem gente para organizar isso (Entrevistada 16).

A forma como as atividades de turismo rural são percebidas entre os habitantes possuem semelhanças e diferenças. Às vezes as opiniões são nitidamente expressas, outras vezes são tímidas, principalmente entre os agricultores de uma mesma comunidade. O senso de respeito pela opinião de pessoas mais velhas e de líderes comunitários esteve presente em algumas falas. Por vezes, o entrevistado tinha uma opinião divergente dessas pessoas e até citava isso, mas de forma cautelosa.

5.5 Inovação e desenvolvimento rural: turismo rural e a sucessão familiar

O conceito de inovação parece estar diretamente relacionado com a juventude, com novas ideias, e atualmente o termo pode ser facilmente associado às tecnologias utilizadas no dia a dia. Tendo isso em mente, e levando em consideração que a divisão entre o espaço urbano como algo moderno e o rural como retrógrado já não é facilmente percebida, observa-se uma tendência entre os jovens que decidem continuar trabalhando na agricultura ou pecuária: o uso de tecnologias que facilitem o trabalho ou mesmo que aumentem a produtividade. Entre os jovens entrevistados no município, poucos seguem nas atividades agrícolas, mas todos os entrevistados residem nas áreas rurais do município.

A gente decidiu trabalhar na fábrica e continuar morando aqui. No sítio é mais barato para se viver, sempre temos alguma verdura e frutas que podemos comer. Mudar para cidade não fazia sentido, tem transporte para ir para o trabalho, claro que demora um pouco a mais para fazer o trajeto até o trabalho, mas no valor a menos para ver se viver, essas horas na semana compensam (Entrevistada 19).

Quando questionada se não sentia falta de algo que morar na cidade poderia proporcionar a entrevistada comenta que:

Não, aqui temos internet boa, o telefone pega bem, tem TV, a gente consegue se divertir com essas tecnologias e se informar. Acho que a única coisa que às vezes faz falta é a tele entrega de comida. Seria bom ter essa opção para quando a gente fica com preguiça de cozinhar, e ainda mais agora, durante a pandemia, que evitamos sair. Mas isso também não é difícil, se temos vontade de comer uma coisa diferente é só ir buscar, a única coisa que muda é não ter o conforto de esperar em casa (Entrevistada 19).

Outro questionamento feito à uma entrevistada é se ela conhece jovens que decidiram seguir trabalhando na agricultura ou pecuária invés de buscar empregos nos setores de comércio ou serviço, sobre isso ela comenta:

Os jovens que continuam trabalhando no campo são aqueles que têm sociedade, tem gente para dividir o trabalho e as despesas e aqueles que os pais já tinham tudo estruturado. Mas a gente vê que já é diferente dos mais velhos, da idade dos meus pais ou dos idosos. Esses jovens não vão mais tão cedo de manhã, e quem planta só quer plantar onde é mais reto, porque dá para entrar com máquinas. Nas propriedades que são piores [íngremes ou com muitas pedras] os jovens preferem trabalhar fora, porque sem equipamentos e tecnologias fica muito difícil (Entrevistada 15).

Além das máquinas e equipamentos, há décadas difundidos na agricultura, o uso de aplicativos de celulares está em alta, seja para monitorar o tempo, as pragas e doenças, para facilitar a logística, ou até mesmo para o mapeamento via satélite, é o caso dos meliponicultores do município:

Espalhei iscas pelo mato, lá para baixo até o rio, aqui para cima do morro e próximo da casa. Tem esse aplicativo que eu consigo registrar onde coloquei, depois de algumas semanas volto nesses lugares e vejo se uma colmeia se instalou ali. Depois de fazer a transferência para as caixinhas precisa esperar uns meses, se for inverno tem que esperar esquentar daí pode melar as abelhas [...] por enquanto esse mel é pro consumo próprio, e vendo para alguns conhecidos, mas no futuro a ideia é conseguir um selo e comercializar (Entrevistado 17).

Fora das atividades agrícolas, mas ainda no meio rural, os aplicativos e redes sociais facilitaram o desenvolvimento de atividades para complemento de renda para duas entrevistadas:

Eu sempre gostei de cozinhar, de receber amigos e vizinhos em casa, mas com a pandemia isso parou. A ideia de vender bolos e doces pelas redes sociais veio um pouco em função disso, porque o povo dizia que tava com saudade da cueca virada, que tava com vontade de comer o bolo de limão, que queria comer minhas bolachas, e outro motivo grande foi para tentar ganhar mais, já que só o meu salário na fábrica e o dinheiro da agricultura do meu marido não tava dando. Tudo encareceu, então esses doces que vendo contribuem para a gente ficar mais tranquilo no fim do mês. [...] Geralmente faço as encomendas na sexta e no sábado de manhã, e as pessoas vêm buscar de tarde, tem algum sábado que falha as encomendas, mas no geral não posso reclamar. Eu pensava em abrir uma padaria uma casa de chás aqui na propriedade mesmo, mas com a crise e larguei essa ideia. Quem sabe se um dia melhorar eu volto a pensar, vi que gente para consumir tem aqui. Se atrair gente de fora, melhor ainda (Entrevistada 15).

Além da venda de produtos, a prestação de serviços de hospedagem no meio rural passou a ser realidade após uma entrevistada ter tomado conhecimento de um aplicativo para aluguel de casas e/ou de quartos:

Essa casa era da minha avó, uma casa muito boa que precisava de uns pequenos reparos, porque sempre foi bem cuidada. Depois disso improvisamos, tem um rapaz aqui do município que faz trabalhos em madeira, ele restaurou alguns móveis antigos, fez a estante e a placa na entrada. De resto usamos aquilo que a gente já tinha, só compramos travesseiros, jogos de cama e toalha novos. Os turistas que ficam aqui gostam bastante e alguns já retornaram. Eles elogiam bastante o jardim, dizem que as flores são muito bonitas (Entrevistada 20).

Assim, da mesma forma que o aplicativo para hospedagem, as redes sociais contribuem para o complemento de renda de mais um entrevistado:

Eu sempre posto foto dos trabalhos que faço em madeira, já consegui vender vários entalhes e móveis. Alguma coisa já vendi para turista também, mas como trabalho fora durante a semana, nunca tenho muitas peças à venda. Normalmente o que acontece é alguém encomendar, por exemplo, uma placa de entrada da propriedade. Dessas já fiz bastante, pergunto para pessoa o que ela vai querer escrito, se vai querer algum desenho. Depois entrego para quem encomendou. [...] o que mais gosto é quando eu faço alguma peça que saiu da minha ideia, me sinto mais livre. Às vezes seguro para mim essas, outras vezes coloco as fotos nas redes sociais e aparece um comprador, essas tecnologias ajudam bastante a vender (Entrevistado 17).

Surgiu também o questionamento se ele pensa em trabalhar apenas com o artesanato algum dia, o entrevistado respondeu:

Acho que não, eu nunca fiz curso, o que aprendi foi por conta. Para ficar só com artesanato eu teria que fazer nome, teria que vender mais e para mais locais, a não ser que no futuro o *Teewald* [Santa Maria do Herval] se torne parecido com o que é Gramado, mas daí acho que as lojas de móveis e artesanatos de lá tomariam conta daqui (Entrevistado 17).

O desenvolvimento rural pôde ser observado nos casos citados anteriormente. São desenvolvidas atividades, tanto agrícolas quanto não agrícolas para o complemento da renda das famílias. Todos os entrevistados nessa seção são jovens, as iniciativas e atividades inovadoras estão presentes nesse espaço, porém a busca pela segurança, principalmente financeira, diminui a tomada de riscos por meio dos "empreendimentos". A opção é buscar alternativas que não gerem prejuízo caso a comercialização dos produtos ou serviços não seja a esperada.

Nesse sentido, outro questionamento feito durante a etapa das entrevistas foi em relação à quais serviços os entrevistados acreditam que Santa Maria do Herval poderia ofertar, e se eles acreditam que o investimento nessas atividades daria ou não certo.

Eu sei que faltam lugares com comidas diferentes. Aqui temos pouca variedade, às vezes tem só um restaurante aberto e a gente tem que ir nesse ou ir para Dois Irmãos ou para Gramado se quer uma coisa diferente. Então acho que se tivesse outras opções de restaurante as pessoas gostariam o dinheiro aqui mesmo (Entrevistada 19).

Os serviços de alimentação como alternativa de turismo gastronômico também são comentados por outra entrevistada:

Vejo que os turistas que vêm para as cachoeiras ou para os balneários no verão sempre perguntam se tem algum restaurante ou padaria para ir. Restaurantes temos poucos e os horários são diferentes dos que o pessoal da cidade grande tá acostumado, temos uma padaria, e cafés não sei de nenhum. Acho que se tivesse incentivo da prefeitura, como tem para os aviários, o pessoal ia se animar em fazer coisas diferentes, porque público tem, e quem investir logo nesse tipo de atividade vai se dar bem, porque não vai ter concorrência (Entrevistada 20).

Após essas respostas, a decisão foi em perguntar mais diretamente sobre as atividades de turismo rural exercidas no município. As falas aqui apresentadas já representam que os serviços de alimentação e entretenimento são dois bastante requisitados pelos turistas e pela população, porém, eles ainda não haviam comentado diretamente sobre as atividades culturais, de lazer e hospedagem do município, especialmente no âmbito do turismo rural. A pergunta feita foi: o que você acharia se as famílias do município passassem a investir nos serviços de turismo rural? Se alguém abrisse uma pousada, um restaurante, um museu, uma floricultura ou alguma coisa assim, você acha que teria público?

Acho que divulgando bem ia dar certo. Quando a gente vem de Morro Reuter pro Herval, tem uns lugares na beira da estrada que hoje recebem muitos turistas, esses lugares abrem no final de semana. São restaurantes, cafés e lojas de artesanatos. Acho que no início deve ser mais difícil, não só porque não daria para largar o emprego e viver só no turismo, que daí teria que trabalhar nos finais de semana em vez de descansar. Mas também porque até as pessoas saberem que aqui no Herval tem um lugar legal, vai um tempo. Mas acho que depois que fica mais conhecido se torna mais fácil, algumas pessoas da família podem se dedicar só isso e dá para contratar alguém para ajudar nos finais de semana, igual os restaurantes fazem (Entrevistada 12).

Já em relação à outras ofertas turísticas, que não a gastronômica, uma opinião obtida com o mesmo questionamento foi a seguinte:

O que falta aqui é a primeira família abrir uma pousada. Não alugar a casa por aplicativo, mas abrir uma pousada mesmo. Meus parentes que vem aqui visitar sempre comentam que Santa Maria do Herval é bonita mas que tinha que ter mais opções. Realmente é bonita, tem cachoeiras, morros, balneários, para atividades ao ar livre não faltam lugares. Mas não tem uma pousada onde os turistas podem se hospedar e ver como é a realidade, e acho que as pessoas querem ver a realidade, porque ainda só tem as pousadas do pessoal de fora [...] a gente vê que nas cidades vizinhas as rotas de turismo rural dão certo, aqui também poderia dar, mas o povo tinha que ser unir, se a fulana abriu uma pousada, a vizinha pode vender os bolos do café da manhã para a

pousada, o outro vende alguma verdura, alguma coisa pode ser produzida na propriedade e assim várias pessoas poderiam ganhar juntas. Provavelmente não seria dinheiro suficiente para manter uma família inteira, mas seria um extra. Todo mundo fica com medo de ser o primeiro a dar esse passo e dar errado, mas várias pessoas têm essa vontade de fazer algo diferente (Entrevistado 20).

Há também, entre os entrevistados a percepção do Turismo Rural de Colonização Europeia como um importante ponto focal das atividades turísticas desenvolvidas, e que podem vir a se desenvolver, no município.

De turista, o que mais vem para cá é na festa da batata. Tem bastante gente que vem dessas cidades perto de Porto Alegre, principalmente no verão, para ir nas cachoeiras. Outra coisa legal é que agora tem o museu das casas enxaimel, acho que é um atrativo a mais. Seria legal ter uma rota, como fazem em Picada Café, que as pessoas pagam um valor e visitam vários estabelecimentos e propriedades. Aqui poderíamos começar no museu, que conta a história da cidade e da cultura e colonização alemã, depois poderia ir no colha e pague, no produtor de queijo, de bolinho de batata, de cerveja, num artesão, assim até passar em todos. Podia ter apresentação das danças típicas também, igual fazem na festa da batata (Entrevistada 12).

Apesar de algumas ideias contrárias, no geral há a vontade e a esperança de que o turismo rural se consolide no município, principalmente entre a população mais jovem, que é também a mais inteirada em tecnologias e a que percebe a diminuição na diferença comportamental com os jovens da cidade.

É importante manter as tradições e a cultura vivas, esses elementos contribuem para a construção da identidade social dos indivíduos. Ao mesmo tempo, o mundo está em constante mudança, e para que o espaço rural tenha futuro, é necessário que a juventude rural consiga equilibrar as tradições com as novas atividades.

O movimento de mudança do cenário rural já é nítido no município. Não só decorrente de famílias pluriativas, mas principalmente decorrente dos exemplos das famílias que fizeram diferente. É o caso da chocolateria, da vinícola e do colha e pague de morangos orgânicos, por exemplo. Todas essas iniciativas são de jovens, que tem na agricultura as bases de vida, mas que compreendem que além da agricultura podem conquistar uma atividade diferenciada daquela que aprenderam durante toda a vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa teórica e de campo e da análise dos resultados, compreendemos que as temáticas aqui estudadas foram abrangentes e extensas, mas que apesar disso, abriu-se uma gama de possibilidades para novos estudos e conceitos.

Buscamos perceber, de forma mais neutra e fiel possível as perspectivas dos diferentes atores. De um lado, os representantes de órgãos públicos passaram a imagem de que o município busca e incentiva novas alternativas de renda e de empregabilidade no meio rural. No geral, quando as entrevistas aconteceram com essas pessoas, percebemos o enaltecimento e a valorização do município de Santa Maria do Herval, tanto em relação às paisagens quanto em relação à cultura e às tradições. Poucos aspectos negativos ou mesmo dificuldades foram mencionadas, porém entre as principais dificuldades descritas, estão o êxodo rural dos jovens do município e o "medo de dar errado" presente também nas falas dos agricultores familiares.

Entre os pontos positivos citados: a tradição da Festa da Batata, o roteiro de turismo rural que conta a história da colonização alemã em Santa Maria do Herval e o potencial turístico devido às belezas naturais do município, foram os aspectos que apareceram com mais frequência nas falas dos entrevistados. Percebemos ainda um certo orgulho do município demonstrado pelos seus representantes, que enaltecem a identidade local e buscam dialogar com a população, para que desenvolvam atividades diferenciadas, que possam agregar renda e atrair turistas para o município.

Após as entrevistas com os representantes de órgãos públicos, a intenção foi lapidar as falas dos agricultores familiares. No grupo denominado "agricultores familiares" não apenas agricultores foram entrevistados, mas também filhos e esposas de quem exerce tal ofício. Consideramos que a agricultura familiar é uma forma de identidade social, assim, justifica-se que os escolhidos para as entrevistas possuem em comum o "laço" com a terra, estejam eles trabalhando ou não em atividades agrícolas no momento.

Assim, dentro do "grande grupo" dos agricultores familiares, ao menos dois subgrupos foram identificados. De um lado, mulheres idosas e homens na faixa dos 50 anos, possuem em comum a resistência em realizar ou mesmo, validar ideias e atividades diferentes das tradicionalmente empregadas no meio rural. Há ainda uma tendência de incentivar os jovens a

buscar empregos na cidade, pois consideram que a agricultura é uma atividade muito sofrida. Apesar da preocupação com o futuro do meio rural e da produção de alimentos estar presentes nas falas dessas pessoas, as alternativas de atividades não agrícolas no meio rural, tais como o turismo rural, não são bem quistas por essa parcela da população, que histórica e culturalmente não possui grandes riquezas para que se possa "arriscar". O medo de investir e não ter retorno é bastante presente, e percebeu-se até uma baixa estima em relação à atratividade do município por parte de alguns entrevistados .

De outro lado, identificamos o subgrupo em que a maioria dos entrevistados eram jovens ou mulheres na faixa etária entre 40 e 55 anos que desempenham atividades agrícolas e não agrícolas. As percepções obtidas após as entrevistas desses, aproximou-se mais do que foi dito pelos representantes de órgãos públicos do município do que das falas dos agricultores familiares mencionados anteriormente. Nesse subgrupo há tanto agricultores quanto pessoas que trabalham no comércio, indústria e serviços, além disso, as percepções de alguns empreendedores e/ou pessoas que resolveram inovar nas atividades desenvolvidas no espaço rural também foram analisadas.

Esse segundo subgrupo é muito mais propenso a inovar, e aqueles que têm medo de arriscar uma nova atividade ou mesmo um empreendimento na propriedade percebem que existe o potencial turístico no município. Em relação às atividades turísticas que poderiam ser desenvolvidas, as mais citadas foram os serviços alimentícios e de hospedagem no meio rural, seguido do turismo rural de colonização europeia, que exalta a cultura alemã. Esse subgrupo identifica as dificuldades para investir em uma alternativa de complemento de renda, na maioria das vezes financeira, mas comentam também que a prefeitura e a Emater podem desempenhar um papel fundamental para gerar na população a "coragem" de inovar, e percebem que nos últimos anos o município passou a ter atividades turísticas ou mesmo da cadeia auxiliar de turismo, atividades inexistentes no local até pouco tempo atrás.

Por ser um município com fortes traços da cultura alemã, o respeito à opinião de pessoas mais velhas foi identificado em vários momentos, inclusive quando os entrevistados tinham opiniões diferentes dos idosos ou mesmo dos líderes comunitários. É importante que o respeito esteja presente em todas as esferas da sociedade, porém, com a velocidade em que o mundo muda, não há como presumir que o rural não mude também.

O meio rural vem cada vez mais deixando de ser sinônimo de "retrocesso", novas ideias e tecnologias, bem como produções alternativas e específicas para nichos de mercado estão conquistando espaço nesse ambiente. Além disso, cresce o número dos denominados "novos rurais", que são pessoas que saem da cidade para buscar alternativas de renda, sustentabilidade e inovação no campo. As dificuldades e restrições identificadas no decorrer da pesquisa vão de encontro com as relatadas por pesquisadores que estudaram o desenvolvimento do turismo rural em outros municípios da região do sul do Brasil, mas nesses estudos, constata-se que após a quebra de barreira cultural os agricultores obtiveram retornos positivos. Deixamos como desafio para futuras pesquisas, compreender os métodos que o poder público pode utilizar para tornar viável aos agricultores familiares o investimento em atividades turísticas, uma vez que aos poucos o município vem avançando nessas atividades.

É inevitável que as transformações no meio rural ocorram numa velocidade cada vez maior. Esperar que não haja inovação ou investimentos para o desenvolvimento desse espaço acaba sendo uma ilusão. Portanto, é preciso que a resiliência e a capacidade de mudança se façam presentes entre os agricultores familiares do município, para que o desenvolvimento desse espaço, através do turismo rural ou de quaisquer outras atividades, seja alcançado por essa população.

Enquanto contribuição para a Extensão Rural, espera-se que o presente estudo tenha sido claro em demonstrar que o setor público deve estar alinhado com os agricultores de seu município. Empresas de extensão rural, sindicatos e políticos locais possuem conhecimentos diferenciados das populações rurais, e podem contribuir para a mudança da realidade dos municípios, seja através de ações extensionistas ou de políticas públicas inclusivas. Além disso, espera-se que os agricultores e demais leitores percebam que mudanças nem sempre são ruins. Contribuir para modificar a realidade de uma comunidade não é tarefa fácil, porém é engrandecedor quando os benefícios começam a ser colhidos pela população.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J.G.F. Turismo e desenvolvimento no espaço rural: abordagens conceituais e tipologia. In: SANTOS, E.O; SOUZA, M. (org.) **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. 1ª Edição. Barueri, SP: Editora Manole, 2010. p. 23-32.
- ALEXANDRE, D.S; TAVARES, J.M.R.S. **Factores da Percepção Visual Humana na Visualização de Dados**. Porto: APMTAC, 2007.
- ANJOS, M.; FERREIRA, M. B.; FERREIRA, E.T.; MARQUES, J.C. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- ARISTÓTELES, **A Política**. Sem data.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. **Psicologias. Uma Introdução ao Estudo da Psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FONTANA, R.F. Inovação no planejamento do turismo e da hospitalidade no espaço rural. In: SANTOS, E.O; SOUZA, M. (org.) **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. 1ª Edição. Barueri, SP: Editora Manole, 2010. p. 259-275.
- FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. 32ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2005.
- GEERTZ, C. **Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da Cultura**. Ltc Livros Técnicos e Científicos - Editora S.A. Rio de Janeiro-RJ. 1989.
- GIBSON, J.J. **The Perception of the Visual World**. Boston: Hughton Mifflin Company, 1974.
- GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3ªed. São Paulo, Atlas, 1995.
- GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ªed. São Paulo, Atlas, 2008.
- GINSBERG, M. **A psicologia da sociedade**. Zahar Editores. Rio de Janeiro-RJ. 1966.
- GODOY, A. S. **A Pesquisa Qualitativa e sua Utilização em Administração de Empresas**. Rev. adm.empresa. , vol.35 1995.
- KOFFKA, K. **Introspection and the method of psychology**. 15, 149-161. British Journal of Psychology, 1924.
- LACERDA, T.F.N. **A unidade familiar e as novas funções atribuídas a agricultura: o caso dos agricultores ecológicos do território da Encosta da Serra Geral**. UFRGS, Porto Alegre, 2005.

- MINAYO, M.; SANCHES, O. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cad. Saúde Pública vol.9 nº3 Rio de Janeiro July/Sept. 1993.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. **Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural.** Brasil. 2003.
- POUPART, J. et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- RIEDL, M. **Turismo Rural: Ecologia, Lazer e Desenvolvimento.** 1ª ed. Bauru : EDUSC, 2000.
- RÖLKE, H. **Raízes da Imigração Alemã.** Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. p.45-621. Vitória. 2016.
- RUSCHMANN, D. Van de M. O Turismo Rural e o Desenvolvimento Sustentável. In: ALMEIDA, J.A. FROEHLICH, J.M.; RIEDL, M. (Orgs.). **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável.** Papirus, p. 63-74. Campinas. 2000.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. L. F.; LUCIO, M. D. P. B. **Metodologia de pesquisa** [recurso eletrônico]. Tradução: Daisy Vaz de Moraes; revisão técnica: Ana Gracinda Queluz Garcia, Dirceu da Silva, Marcos Júlio. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre. 2013.
- SANTOS, A.S; PIRES, P.S. Políticas públicas de turismo rural: uma alternativa necessária. In: SANTOS, E.O; SOUZA, M. (org.) **Teoria e prática do turismo no espaço rural.** 1ª Edição. Barueri, SP: Editora Manole, 2010. p. 60-79.
- SANTAELLA, L. **Percepção: Fenomenologia, Ecologia, Semiótica.** São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- SANTOS, E. O. et al (Orgs.). **Teoria e Prática do Turismo no Espaço Rural.** Manole. Barueri, SP. 2010.
- SCHNEIDER, S. **Agricultura Familiar e Industrialização: Pluriatividade e Descentralização Industrial no Rio Grande do Sul.** Ed. UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- SCHNEIDER, S. **Turismo em Comunidades Rurais: inclusão social por meio de atividades não-agrícolas.** Cap. Livro: “Diálogos do Turismo: Uma Viagem de Inclusão”. Brasília, Ministério do Turismo, 2006.
- SILVA, Y.F; JUNIOR, M.A. Turismo comunitário rural inclusivo como responsabilidade ética e moral da sociedade. In: SANTOS, E.O; SOUZA, M. (org.) **Teoria e prática do turismo no espaço rural.** 1ª Edição. Barueri, SP: Editora Manole, 2010. p. 109-123.
- SOUZA, M. **Turismo rural: patrimônio, cultura e legislação.** Santa Maria: Facos/ UFSM, 2006. p. 107-120.
- SOUZA, M; ELESBÃO, I; SCHAIDHAUER, M. Os benefícios do turismo rural: Caminhos de Pedra, Bento Gonçalves/RS. **Rosa dos Ventos,** Universidade de Caxias do Sul – Brasil, vol. 3, número. p. 216-227, julho, 2011.

STERNBERG, R.J. **Cognitive Psychology**. Belmont, CA: Cengage Learning, 2009.

TULIK, O. Turismo no espaço rural: segmentação e tipologia. In: ALMEIDA, J. A.; SOUZA, M. (org.). **Turismo Rural: patrimônio, cultura e legislação**. Santa Maria, RS: Ed. FACOS-UFSM, 2006.

TULIK, O. Recursos Naturais e Turismo: tendências contemporâneas. In: **Turismo e Análise**, nº 2. São Paulo: ECA/USP, 1993.

WANSCHER, E.A.R.; TEIXEIRA, A.R. Novas ruralidades: demandas e potencialidades da sociedade contemporânea. In: SANTOS, E.O; SOUZA, M. (org.) **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. 1ª Edição. Barueri, SP: Editora Manole, 2010. p.47-59.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

BLOCO 1: PLURIATIVIDADE

(Aqui explico de forma clara e breve o que é pluriatividade)

- 1- Quais as principais atividades agrícolas desenvolvidas pelas famílias?
- 2-Quais atividades, além das agrícolas, as famílias residentes no meio rural exercem?
- 3- Onde trabalham os filhos e as esposas de agricultores familiares? Eles precisam ir para outras cidades fazer faculdade ou trabalhar?
- 4- Em qual/quais trabalhos a juventude rural do município se insere? Você percebe o interesse em continuar residindo no meio rural?
- 5- Quais atividades você acha que os filhos de agricultores poderiam desenvolver para permanecer residindo no meio rural e gerando renda?

BLOCO 2: PERCEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL

(Aqui explico de forma clara e breve o que é percepção e o que é desenvolvimento rural)

- 1- Você percebe algum incentivo, por parte das famílias, para que os filhos continuem as atividades agrícolas e não agrícolas na propriedade? Caso afirmativo, poderia falar sobre eles?
- 2- O que você diria de Santa Maria do Herval se alguém que não conhece o município te perguntasse como é o lugar?
 - Trabalho
 - Geografia
 - Educação
 - Saúde
 - Lazer

- Segurança
- Agricultura
- Indústrias
- Cultura

3- Quais das áreas acima você acredita que poderiam ser desenvolvidas/melhoradas? Por quê?

4- Com base no seu conhecimento sobre a região, qual seria a aptidão econômica de Santa Maria do Herval (qual setor ou atividade poderia ser melhor explorada economicamente)?

BLOCO 3: TURISMO RURAL

(Aqui explico de forma clara e breve o que é turismo rural)

1- Na sua opinião, o Município de Santa Maria do Herval tem potencial para ofertar atividades turísticas? Por quê?

2- O que você acredita que falte para que os agricultores queiram investir nesse tipo de atividade?

3- Quais tipos de serviços você percebe que faltam no município, ou quais serviços poderiam ser mais diversificados? (ex.: padarias, restaurantes, cafés, pousadas...)

4- Ao seu ver, o que mais, além das belezas naturais, poderiam ser atrativos para os habitantes de Porto Alegre e região metropolitana parassem em Santa Maria do Herval e consumissem produtos e serviços?

5- Quais iniciativas de Turismo Rural você conhece que existem em Santa Maria do Herval?

6- Quais iniciativas de Turismo Rural você conhece, que existem em outros municípios da região e que poderiam ser implementadas em Santa Maria do Herval?